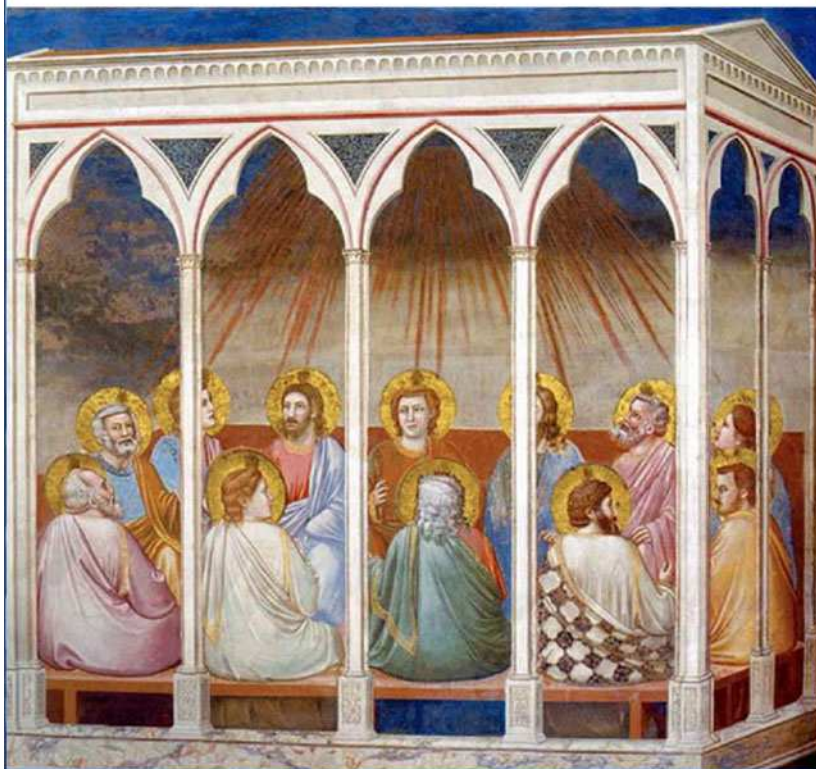


CREIO CREMOS



JAVIER ECHEVARRÍA

Javier Echevarria

CREIO, CREMOS

*Cartas pastorais aos fiéis
da Prelazia do Opus Dei
durante o Ano da fé
(2012-2013)*

Copyright © PRELAZIA DO OPUS DEI

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Texto do Credo (Símbolo niceno-constantinopolitano)

Introdução

Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do Céu e da terra.

Creio em um só Senhor. Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos; Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por Ele todas as coisas foram feitas.

Creio em Jesus Cristo por nós, homens, e para nossa salvação desceu dos Céus, se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria.

Creio em Jesus Cristo, que se encarnou no seio da Virgem Maria, e se fez homem.

Creio que Jesus Cristo para nossa salvação foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado.

Creio que Jesus Cristo ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras

Creio que Jesus Cristo subiu aos Céus, onde está sentado à direita do Pai.

Creio que Jesus Cristo de novo há-de vir em sua glória para julgar os vivos e os mortos; e o seu reino não terá fim.

Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado; Ele que falou pelos Profetas.

Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica

Creio na Igreja, que é santa, e na Comunhão dos santos

Creio na Igreja, que é apostólica

Professo um só batismo para a remissão dos pecados.

E espero a ressurreição dos mortos e vida do mundo que há-de vir. Amém.

APRESENTAÇÃO

Mês a mês, D. Javier Echevarría seguiu a sugestão do Romano Pontífice, para que, durante o Ano da Fé, se aprofundasse no conteúdo do Credo (cf. Carta Apostólica Porta Fidei , 11-10-2011, n 9). De outubro de 2012 a novembro 2013 (datas de início e fim deste período), dedicou suas cartas pastorais mensais para comentar os artigos do Credo, que é recitado na Missa aos domingos, nas solenidades litúrgicas e em algumas outras ocasiões especiais.

No final deste tempo de confissão e aprofundamento da fé recebida e transmitida pela Igreja, oferecemos em um documento os comentários do Prelado do Opus Dei. Seguindo o magistério de Bento XVI e do Santo Padre Francisco, e aplicando estes ensinamentos às circunstâncias da vida corrente, D. Javier Echevarría oferece uma diretriz para meditar frequentemente sobre estas verdades fundamentais da nossa fé católica, com a qual a cada dia, sem rotina e sem cansaço, queremos conformar cada um dos nossos dias, nos pensamentos, palavras e ações.

CREDO
(Símbolo niceno-constantinopolitano)

Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do Céu e da Terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.

Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por Ele todas as coisas foram feitas.

E por nós, homens, e para nossa salvação desceu dos Céus. E se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem.

Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado.

Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras;
e subiu aos Céus, onde está sentado à direita do Pai.

E de novo há de vir em sua glória para julgar os vivos e os mortos; e o seu Reino não terá fim.

Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado: Ele que falou pelos Profetas.

Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica.

Professo um só batismo para a remissão dos pecados.

E espero a ressurreição dos mortos
e vida do mundo que há de vir.

Amém.

Introdução

A Igreja, seguindo a voz do sucessor de Pedro, deseja que todos os fiéis reafirmemos a nossa adesão a Jesus Cristo, que meditemos com maior profundidade nas verdades que Deus nos revelou, que renovemos o afã cotidiano de seguir com alegria o caminho que Ele nos marcou, e que ao mesmo tempo nos esforcemos mais por dá-lo a conhecer a outras pessoas com o apostolado. Agradecemos já desde agora à Santíssima Trindade as abundantes ajudas que— estou certo— derramará sobre as almas nos próximos meses; nada mais lógico, portanto, que saibamos corresponder a essas bondades do Céu.

Proponho-me referir-me cada mês a algum ponto de nossa fé católica para que cada uma e cada um de vós reflita sobre esse tema na presença de Deus e trate de tirar consequências práticas. Como recomenda o Santo Padre, detenhamo-nos nos artigos da fé contidos no Credo. Porque, pergunta-se Bento XVI, «onde achamos a fórmula essencial da fé? Onde encontramos as verdades que nos foram fielmente transmitidas e que constituem a luz para a nossa vida cotidiana?»¹ O próprio Papa nos oferece a resposta: «no Credo, na Profissão de fé, ou Símbolo da fé, nós nos relacionamos com o acontecimento originário da Pessoa e da história de Jesus de Nazaré; concretiza-se o que o Apóstolo dos gentios dizia aos cristãos de Corinto: “Transmiti-vos em primeiro lugar o que eu também recebi (...)” (1 Cor 15, 3-4)»²

Por ocasião de outro ano da fé, proclamado por Paulo VI em 1967, também São Josemaria nos convidava a aprofundar no conteúdo do Credo. Renovemos periodicamente o propósito de ajustar-nos a esse conselho. Depois de recordar uma vez mais que no Opus Dei ***procuramos sempre e em tudo sentir cum Ecclesia, sentir com a Igreja de Cristo, nossa Mãe***³, acrescentava: ***por isso quero que recordemos agora juntos, de um modo necessariamente breve e sumário, as verdades fundamentais do Credo santo da Igreja: do depósito que Deus lhe confiou ao revelar-se***⁴.

Desenvolvamos sempre, insisto, porém mais especialmente ao longo deste ano, um intenso apostolado da doutrina. Vemos diariamente que isso se torna mais necessário, pois há muitos que se consideram cristãos, e mesmo católicos, e não estão em condições de apresentar as razões da sua fé aos que ainda não receberam o anúncio evangélico, ou aos que conhecem deficientemente essas verdades transmitidas pelos Apóstolos e que a Igreja conserva fielmente.

Bento XVI manifestou o seu desejo de que este ano sirva a todos para «aprofundar nas verdades centrais da fé acerca de Deus, do homem, da Igreja, de toda a realidade social e cósmica, meditando e refletindo sobre as afirmações do Credo. E desejaria que ficasse

¹ Bento XVI. Discurso na audiência geral, 17-10-2012.

² *Ibid.*

³ São Josemaria, *Carta 19-3-1967*, n.5.

⁴ *Ibid.*

claro —*prossegua*— que esses conteúdos ou verdades da fé (*fides quae*) se vinculam diretamente à nossa *cotidianidade*; pedem uma conversão da existência, que dá vida a um novo modo de crer em Deus (*fides qua*). Conhecer a Deus, encontrá-Lo, aprofundar nos traços do seu rosto, põe em jogo a nossa vida, porque Ele entra nos dinamismos profundos do ser humano».⁵

São dois aspectos inseparáveis: aderir às verdades da fé com a inteligência, e esforçar-se com a vontade para que informem plenamente as nossas ações, até as menores, e especialmente os deveres próprios da condição de cada um. Como escreveu o nosso Fundador, ***deve-se obedecer, num supremo e libertador ato de liberdade, tanto à moção e à luz da graça como à proposição externa do que se deve crer. Não se favorece a obediência à ação íntima do Espírito Santo na alma impugnando a obediência à proposição externa e autorizada da doutrina da fé***.⁶

A consequência é clara: temos de querer e esforçar-nos por conhecer mais e melhor a doutrina de Cristo, e assim transmiti-la a outras pessoas. Consegui-lo-emos, com a ajuda de Deus, detendo-nos a meditar atentamente os artigos da fé. Não basta uma aprendizagem teórica; é preciso «descobrir o vínculo profundo entre as verdades que professamos no Credo e a nossa existência cotidiana, a fim de que estas verdades sejam— como sempre foram— luz para os passos do nosso viver, água que rega a aridez do nosso caminho, vida que vence certos desertos da vida contemporânea. No Credo insere-se a vida moral do cristão, que nele encontra o seu fundamento e a sua justificação»⁷ Rezemos com piedade ou meditemos esta profissão de fé, pedindo luzes ao Paráclito para amarmos e familiarizarmos mais com essas verdades.

Por isso, nas nossas conversas apostólicas, assim como nas palestras de doutrina cristã aos que se aproximam do labor da Prelazia, não cesemos de recorrer ao estudo e revisão do *Catecismo da Igreja Católica* ou do seu *Compêndio*. E nós, os sacerdotes, recorramos também com perseverança a esses documentos nas nossas meditações e práticas. Deste modo, todos cuidaremos de confrontar a nossa existência diária com esses pontos de referência contidos no *Catecismo*. Vem-me muitas vezes à memória a reiterada leitura que São Josemaria fazia do Catecismo de São Pio V— não existia ainda o atual—, e também do Catecismo de São Pio X, que recomendava aos que o escutavam nas suas conversas.

⁵ Bento XVI, Discurso na audiência geral, 17-10-2012.

⁶ São Josemaria, *Carta 19-3-1967*, n.42

⁷ Bento XVI, Discurso na audiência geral, 17-10-2012.

Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso,

Criador do Céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis

*Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do Céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis*⁸. O primeiro artigo do Credo exprime a fé da Igreja na existência de um Deus pessoal, criador e conservador de todas as coisas, que governa o universo inteiro, e especialmente os homens, com a sua providência. Certamente, ***quando se olha com olhos limpos, tudo nos fala aos gritos deste nosso Deus e Criador. O Senhor, que premiou Pedro—pela sua fé—, fazendo-o Cabeça da sua Igreja Santa (cf. Mt 16, 13-19), premia também os cristãos crentes com uma luz nova: com efeito, o cognoscível de Deus torna-se manifesto entre eles— entre os crentes—, pois Deus o declarou; porque desde a Criação do mundo, o invisível de Deus, o seu eterno poder e a sua divindade, são conhecidos mediante as criaturas (cf. Rom 1, 20)***⁹. Sugiro-vos, como já vos escrevi, que reciteis o Credo com fé nova, que o proclameis com alegria, e que vos refugieis nessas verdades tão imprescindíveis para os cristãos.

Nós todos sabemos que, como consequência do pecado original, a natureza humana ficou profundamente ferida, e com isso se tornou difícil que os homens pudessem conhecer com clareza e sem mistura de erro, somente com as forças da razão natural, o Deus único e verdadeiro¹⁰ E por isso Deus, na sua bondade e misericórdia infinitas, foi-se revelando progressivamente ao longo do Antigo Testamento até que, por meio de Jesus Cristo, levou a cabo a plenitude da revelação. Enviando o seu Filho na carne, manifestou-nos claramente não apenas as verdades que o pecado ofuscou, mas a intimidade da sua própria vida divina. No seio da única natureza divina, subsistem desde a eternidade três Pessoas realmente distintas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo, unidas indissolivelmente em uma maravilhosa e inexprimível comunhão de amor. «O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério de Deus em si mesmo. É, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé; é a luz que os ilumina»¹¹ «É um mistério de fé no sentido estrito, um dos «mistérios escondidos em Deus, que não podem ser conhecidos se não forem revelados do alto» (Conc. Vaticano I: DS 3015)»¹²

A revelação da sua vida íntima, para nos fazer participar desse tesouro mediante a graça, constitui o mais precioso presente com que o Senhor nos favoreceu. Um dom completamente gratuito, fruto exclusivo da sua bondade. É lógica portanto, a recomendação do nosso Fundador: ***temos de rezar sempre o Credo com espírito de adoração, de contemplação amorosa e de louvor***¹³.

⁸ Missal Romano, Credo (Símbolo niceno-constantinopolitano)

⁹ São Josemaria, *Carta 19-3-1967*, n.55.

¹⁰ Cf. Catecismo da Igreja Católica, nn. 36-38.

¹¹ Catecismo da Igreja Católica, n. 234.

¹² *Ibid*, 237.

¹³ São Josemaria, *Carta 19-3-1967*, n. 55

Peço a São Josemaria que nos empenhemos em pronunciar a palavra *credo*, creio, com a paixão santa com que ele a repetia em muitas ocasiões ao longo do dia. Também nos aconselhava: ***aprende a louvar o Pai e o Filho e o Espírito Santo. Aprende a ter uma especial devoção pela Santíssima Trindade: creio em Deus Pai, creio em Deus Filho, creio em Deus Espírito Santo; espero em Deus Pai, espero em Deus Filho, espero em Deus Espírito Santo; amo Deus Pai, amo Deus Filho, amo Deus Espírito Santo. Creio, espero e amo a Trindade Santíssima***¹⁴. E continuava: ***faz-nos falta esta devoção como um exercício sobrenatural da alma, que se traduz em atos do coração, ainda que nem sempre se verta em palavras***¹⁵. Sabemos aproveitar essas recomendações? Queremos “crer” como Deus espera que o façamos? Traz-nos segurança este crer em Deus onipotente e eterno?

O primeiro artigo do Credo constitui a rocha firme sobre a qual se baseiam a fé e a conduta cristãs. Como dizia Bento XVI na véspera de inaugurar Ano da Fé, «devemos aprender a lição mais simples e fundamental do Concílio [Vaticano II], isto é, que o cristianismo consiste na sua essência na fé em Deus, que é Amor trinitário, e no encontro, pessoal e comunitário, com Cristo que orienta e guia a vida: tudo o mais se deduz disto (...). O Concílio recorda-nos que a Igreja, em todos os que a compõem, tem a tarefa, o mandato, de transmitir a palavra do amor de Deus que salva, para que a chamada divina que contém em si a nossa bem-aventurança eterna seja escutada e acolhida»¹⁶.

É, pois, necessário aprofundar mais e mais no primeiro artigo da fé. *Creio em Deus!*: esta primeira afirmação surge como a mais fundamental. Todo o símbolo fala de Deus e, se se refere também ao homem e ao mundo, fá-lo pela sua relação com Deus. Os demais artigos dessa profissão de fé dependem do primeiro: levam-nos a conhecer melhor a Deus tal como se revelou progressivamente aos homens. Em consequência, por conter algo tão fundamental, é necessário que não admitamos nenhum gênero de cansaço para comunicá-lo a outros. Como vos recordava no começo destas linhas, não nos faltará a ajuda divina para cumprirmos esta tarefa.

Durante o mês de novembro, a liturgia convida-nos a considerar de modo especial as verdades eternas. Com São Josemaria, repito-vos: ***é preciso que não percamos nunca de vista esse fim sublime a que fomos destinados. De que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro se vier a perder a sua alma? Ou que poderá dar o homem em troca da sua alma? (Mt 16, 26). Único é o nosso último fim, de fato sobrenatural, que acolhe, aperfeiçoa e eleva o nosso fim natural, porque a graça pressupõe, acolhe, sara, levanta e engrandece a natureza***¹⁷.

Convençamo-nos de que viver o Credo, integrá-lo em toda nossa existência, far-nos-á entender melhor e amar mais a nossa estupenda dependência de Deus, saborear a alegria incomparável de sermos e de nos sabermos seus filhos. O *Catecismo da Igreja Católica* recorda-nos que a fé comporta consequências imensas para a nossa vida. Impulsiona-nos,

¹⁴ São Josemaria, *Forja*, n. 296

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ Bento XVI, Discurso na audiência geral, 10-10-2012.

¹⁷ São Josemaria, *Carta, 1931-1967*, n. 59.

em primeiro lugar, a reconhecer a grandeza e majestade de Deus, adorando-O; a permanecer em uma constante atitude de ação de graças pelos seus benefícios; a valorizar a verdadeira dignidade de todos os homens e mulheres, criados à imagem e semelhança de Deus e, por isso, dignos de veneração e respeito; a usar retamente das coisas criadas que o Senhor pôs ao nosso serviço; a confiar nEle em todas as circunstâncias, e especialmente nas adversas¹⁸.

«Cremos num só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, criador das coisas visíveis – como é este mundo onde passamos a nossa breve vida – e das coisas invisíveis – como são os espíritos puros a quem também chamamos anjos – e igualmente criador, em cada homem, da alma espiritual e imortal»¹⁹. Assim começava Paulo VI o *Credo do Povo de Deus* em 1968, ao encerrar o ano da fé que tinha convocado para comemorar o XIX centenário do martírio dos santos Apóstolos Pedro e Paulo.

Consciente da riqueza inesgotável contida na Revelação, e constantemente assistida pelo divino Paráclito, a Igreja foi aprofundando com a razão no mistério da Trindade. Graças ao esforço de gerações de santos – Padres e Doutores da Igreja –, conseguiu iluminar de algum modo este grande mistério da nossa fé, diante do qual – como dizia o nosso Padre – “nos assombramos” diariamente, ao mesmo tempo que desejamos aumentar o nosso trato com cada uma das três Pessoas divinas.

«Deus é único, mas não solitário»²⁰, afirma um antiquíssimo símbolo da fé. Ao comentá-lo, o Catecismo da Igreja Católica explica que é assim porque “«Pai», «Filho», «Espírito Santo» não são simplesmente nomes que designam modalidades do ser divino, pois são realmente distintos entre si: “Aquele que é o Filho não é o Pai, e aquele que é o Pai não é o Filho, nem o Espírito Santo é aquele que é o Pai ou o Filho”»²¹. Não imaginais a alegria que o nosso Fundador experimentou ao ver em Marselha, num desenho sobre uma pedra talhada, a referência à Trindade que quis reproduzir na Cripta da Igreja prelatícia.

¹⁸ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 222-227.

¹⁹ Paulo VI, *Professio fidei*, 30-6-1968.

²⁰ *Fides Dâmasi* (DS 71). Símbolo da fé atribuído ao Papa São Dâmaso.

²¹ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 254. O texto citado provém do Concílio XI de Toledo, ano 657 (DS 530).

*Creio em um só Senhor. Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus,
nascido do Pai antes de todos os séculos:
Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,
gerado, não criado, consubstancial ao Pai.
Por Ele todas as coisas foram feitas*

Continuo agora com o segundo artigo do Credo. *Creio em um só Senhor. Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial ao Pai. Por Ele todas as coisas foram feitas*²².

Em Deus, a geração é absolutamente espiritual. Por isso, “por analogia com o processo gnoseológico da mente humana, pelo qual o homem, conhecendo-se a si mesmo, produz uma imagem de si próprio, uma ideia, um “conceito” (...), que por provir do termo latino *verbum* é chamado com frequência verbo interior, *atrevemo-nos a pensar na geração do Filho* ou “conceito” eterno e Verbo interior de Deus. Deus, conhecendo-se a si mesmo, gera o Verbo-Filho, que é Deus como o Pai. Nesta geração, Deus é – ao mesmo tempo – Pai, como aquele que gera, e Filho, como aquele que é gerado, na suprema identidade da Divindade, que exclui uma pluralidade de «deuses». O Verbo é o Filho da mesma natureza do Pai e é com Ele o Deus único da revelação do Antigo e do Novo Testamento”²³. Não me detenho agora na Pessoa do Espírito Santo, único Deus com o Pai e com o Filho.

Evidentemente, não é possível eliminar a obscuridade que a nossa mente encontra ao pensar naquele *que habita numa luz inacessível*²⁴. Nem a inteligência dos homens, nem a dos anjos, nem a de qualquer outra criatura é capaz de compreender a inesgotável Essência divina: *Se a compreendes, não é Deus*, diz um conhecido aforismo. No entanto, as nossas almas, criadas por Deus e para Deus, têm ânsias de conhecer melhor o seu Criador e Pai, para amá-lo e glorificá-lo mais; de ver a Trindade e fruir da sua presença eterna.

A este propósito, Bento XVI anima os que têm fé a não se conformarem nunca com o conhecimento de Deus que tenham podido alcançar. «As alegrias mais verdadeiras – dizia numa audiência recente – são capazes de suscitar em nós a sã inquietação que nos leva a ser mais exigentes – a querer um bem mais alto, mais profundo – e a perceber com maior clareza que nada de finito pode saciar o nosso coração. Aprenderemos assim a tender, desarmados, para esse bem que não podemos construir ou alcançar pelas nossas forças, a

²² Missal Romano, Símbolo niceno-constantinopolitano.

²³ Beato João Paulo II, Discurso na catequese geral, 6-11-1985, n. 3.

²⁴ 1 Tim 6, 16.

não nos deixarmos desalentar por causa do cansaço ou dos obstáculos que procedem do nosso pecado»²⁵.

Santo Ireneu de Lyon, um dos primeiros Padres que se esforçaram por penetrar no mistério da ação criadora da Trindade, explicava que “só existe um Deus (...): é o Pai, é Deus, é o Criador, é o Autor, é o Ordenador. Fez todas as coisas *por si mesmo*, quer dizer, pelo seu Verbo e pela sua Sabedoria, «pelo Filho e pelo Espírito»²⁶. E recorrendo a uma imagem, metafórica, de exprimir-se – pois não é possível nenhuma desigualdade entre as Pessoas divinas –, acrescentava que o Filho e o Paráclito são como as “mãos” do Pai na criação. Esta passagem é citada pelo *Catecismo da Igreja Católica*, que conclui: “A criação é a obra comum da Santíssima Trindade”²⁷. Nesta absoluta unidade de ação, a obra criadora é atribuída a cada Pessoa divina segundo o que é próprio de cada uma. E assim se diz que ela corresponde ao Pai como Princípio último do ser, ao Filho como Modelo supremo, e ao Espírito Santo como Amor que impele a comunicar bens às criaturas.

Meditemos, filhas e filhos meus, nestas grandes verdades, em atitude de profunda adoração. E insisto-vos em que, como aconselhava São Josemaria, supliquemos a Deus que sintamos a necessidade de ganhar intimidade com cada uma das Pessoas divinas, distinguindo-as.

*No princípio existia o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus (...). Tudo foi feito por Ele, e sem Ele nada se fez do que foi feito*²⁸. Em Deus Filho, com o Pai e o Espírito Santo, na onipotência, sabedoria e amor do único Deus, encontra-se a origem e o fim último de todas as criaturas, espirituais e materiais, e especialmente dos homens e das mulheres.

É tão grande a bondade de Deus, que Ele quis criar os nossos primeiros pais à sua imagem e semelhança²⁹, e gravou neles e nos seus descendentes uma profunda marca, uma participação na Sabedoria incriada que é o Verbo, infundindo nas suas almas a inteligência e a vontade livre. No entanto, são muitos os que O desconhecem, ou ignoram, ou põem entre parênteses, pretendendo colocar o homem no centro de tudo. Como doía ao nosso Padre essa paupérrima visão que tem alguma gente! Assim o comentava, por exemplo, durante uma reunião familiar no início do ano de 1973, fazendo em voz alta a sua oração pessoal. ***Alguns pretendem uma Igreja antropocêntrica, em vez de teocêntrica. É uma pretensão absurda. Todas as coisas foram feitas por Deus e para Deus: Omnia per ipsum facta sunt, et sine ipso factum est nihil quod factum est (Jo 1, 3). É um erro, terrível, converter o homem em pináculo de tudo. Não vale a pena trabalhar apenas para o homem. Devemos trabalhar para o homem, mas por amor de Deus. Caso contrário, não se faz nada de proveito, não se pode perseverar***³⁰.

²⁵ Bento XVI, Discurso na audiência geral, 7-11-2012.

²⁶ Santo Ireneu de Lyon, *Contra as heresias*, 2, 30, 9 (PG 7, 822).

²⁷ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 292; cf. Santo Ireneu de Lyon, *Contra as heresias*, 4, 20, 1 (PG 7, 1032).

²⁸ *Jo 1, 1-3*.

²⁹ Cf. *Gen 1, 26*.

³⁰ São Josemaria, *Notas de uma reunião familiar*, 1-1-1973.

O Senhor espera dos cristãos que voltemos a colocá-lo – pela oração, pelo sacrifício, pelo trabalho profissional santificado – no cume de todas as atividades humanas; que procuremos que reine no mais fundo dos corações; que vivifiquemos com a sua doutrina a sociedade civil e as suas instituições. ***De nós depende em parte*** – repito-vos com São Josemaria – ***que muitas almas deixem de permanecer nas trevas, mas caminhem por sendas que levam até à vida eterna***³¹. Com que piedade rezamos a oração das Preces *Ad Trinitatem Beatissimam*? Como lhe damos graças pela sua perfeição infinita? Como amamos profundamente este mistério central da fé e, portanto, da nossa vida?

«Sabemos que na Bíblia a Palavra de Deus está na origem da criação: todas as criaturas, desde os elementos cósmicos – o sol, a lua, o firmamento – obedecem à Palavra de Deus, existem por terem sido “chamados” por ela. Este poder criador da Palavra de Deus concentrou-se em Jesus Cristo, o Verbo feito carne, e passa também por meio das suas palavras humanas, que são o verdadeiro “firmamento” que orienta o pensamento e o caminho do homem na terra»³². Meditemos, pois, com frequência nas palavras de Cristo que o Evangelho e, em geral, todo o Novo Testamento nos transmitem. Procuremos tirar luzes novas dessa consideração, para aplicá-las à nossa existência quotidiana. Sugiro-vos que, seguindo o exemplo do nosso Padre, cada tempo de meditação seja um diálogo vivido com esforço: o Senhor vê-nos, ouve-nos, está conosco, que somos suas filhas e seus filhos.

Não esqueçamos que, a partir do dia 17, a Igreja entoa as chamadas *antífonas maiores*, com as quais se prepara de modo imediato para o dia de Natal do Senhor. A primeira é esta: *Ó Sabedoria, que brotaste dos lábios do Altíssimo, estendendo-te de um ao outro extremo da terra e ordenando tudo com firmeza e suavidade: vem e mostra-nos o caminho da salvação*³³. É uma premente invocação ao Verbo encarnado, cujo nascimento da Virgem Maria estamos a ponto de comemorar. Porque «a Sabedoria que nasce em Belém é a Sabedoria de Deus (...), quer dizer, um desígnio divino que por um longo tempo permaneceu escondido e que o próprio Deus revelou na história da salvação. Na plenitude dos tempos, esta Sabedoria tomou um rosto humano, o rosto de Jesus»³⁴.

Preparemo-nos com fé para esta grande festa, que é a festa da alegria por antonomásia. Vivamo-la com toda a humanidade. Vivamo-la com todos os fiéis da Obra. Apresentemo-nos a este encontro com a firme decisão de contemplar a grandeza infinita e a humildade de Jesus Cristo, que assumiu a nossa natureza – outra manifestação de como nos ama –, e não nos cansemos de olhar para Maria e José, mestres maravilhosos de oração, de amor a Deus.

A Palavra que se faz carne é o Verbo eterno de Deus, que nos conquistou a condição de sermos nEle filhos de Deus: *Vede que amor tão grande nos mostrou o Pai, para que sejamos chamados filhos de Deus. E nós o somos!*³⁵. E São Josemaria comenta: ***Filhos de Deus, irmãos do Verbo feito carne, dAquele de quem foi dito: N’Ele estava a vida, e a vida era a***

³¹ São Josemaria, Carta 11-3-1940, n. 3.

³² Bento XVI, Palavras no Ângelus, 18-11-2012.

³³ Liturgia das Horas, Vésperas de 17 de dezembro, Antífona ad Magnificat.

³⁴ Bento XVI, Homilia nas Vésperas de 17-12-2009.

³⁵ 1 Jo 3,1.

luz dos homens (Jo 1, 4). *Filhos da luz, irmãos da luz: é isso que somos. Portadores da única chama capaz de inflamar os corações feitos de carne*³⁶. Desejo que não faltemos a este encontro da celebração da chegada de Deus à terra: consideremos nesses dias qual é o nosso empenho por melhorar o nosso modo de estar com Jesus, de viver com Jesus, de ser de Jesus.

³⁶ São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 66.

Creio em Jesus Cristo por nós, homens, e para nossa salvação desceu dos Céus, se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria.

Ao longo destas santas festas do Natal, aproximamo-nos muitas vezes da gruta de Belém para contemplar Jesus nos braços da sua Mãe. Fomos para adorá-lo, impelidos também pelo desejo de representar de algum modo a humanidade inteira. E hoje, ao começarmos o novo ano, lemos com emoção na segunda leitura da Missa umas palavras de São Paulo: *Ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a Lei, para redimir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos de Deus*³⁷.

Cresce em nossas almas a ânsia de comunicar a todo o mundo esta *boa nova*, como o nosso Padre repetia – com acento de novidade! – ao chegarem estas festas do nascimento do Senhor. ***Queríamos que o tratassem muito bem em todos os recantos, que o recebessem com carinho no mundo inteiro. E teremos procurado cobrir o silêncio indiferente dos que não o conhecem ou não o amam, entoando ‘villancicos’, essas canções populares que pequenos e grandes cantam em todos os países de velha tradição cristã. Reparastes que sempre falam de ir ver, contemplar, o Menino-Deus? Tal como os pastores, naquela noite venturosa: Foram a toda a pressa e encontraram Maria e José, e o Menino reclinado na manjedoura (Lc 2, 16)***³⁸.

Cheios de admiração, fomos contemplando nos dias passados esta grande manifestação da benevolência divina. Não cessemos de admirar-nos! ***É preciso ver o Menino, nosso Amor, no seu berço, olhar para Ele sabendo que estamos perante um mistério. Precisamos aceitar o mistério pela fé, aprofundar no seu conteúdo***³⁹. Por isso, além de imitarmos os pastores que correram com toda a prontidão à gruta, podemos deter-nos no exemplo dos Magos, a quem recordaremos na próxima solenidade da Epifania. Graças à sua fé humilde, aqueles homens superaram as dificuldades que encontraram na sua prolongada viagem. Deus iluminou-lhes o coração para que descobrissem na luz de uma estrela o anúncio do nascimento do Messias. Foram dóceis, e essa disponibilidade conduziu-os até Belém. E ali, entrando no lugar onde se alojava a Sagrada Família, *viram o Menino com Maria, sua Mãe, e, prostrando-se, adoraram-no; depois abriram os seus cofres e ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra*⁴⁰.

Sejamos também nós dóceis às moções da graça, que nos chega por meio dos sacramentos, e igualmente na oração pessoal, ao meditarmos nas cenas do Evangelho, e ao aceitarmos de bom grado os conselhos da direção espiritual, procurando pô-los em prática. É totalmente lógica a exortação de São Tomás de Aquino: “Devido à debilidade da mente humana, e assim como precisa de ser conduzida ao conhecimento das coisas divinas, do

³⁷ Missal Romano, Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus, Segunda leitura (Gal 4, 4-5).

³⁸ São Josemaria, Notas de uma meditação, 25-12-1973.

³⁹ São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 13.

⁴⁰ Mt 2,11.

mesmo modo precisa também de ser conduzida ao amor como pela mão, por meio de algumas coisas sensíveis fáceis de conhecer. E entre estas, a principal é a Humanidade de Jesus Cristo, conforme dizemos no Prefácio do Natal: «Para que, conhecendo a Deus visivelmente, sejamos por Ele arrebatados ao amor das coisas invisíveis»⁴¹.

O Credo da Missa expõe com suma simplicidade o mistério da Encarnação redentora, ao confessar que o Filho de Deus, *por nós, homens, e para nossa salvação desceu dos céus e encarnou-se pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria, e se fez homem*⁴². Nestas poucas palavras, que pronunciamos ou cantamos acompanhadas de uma profunda inclinação de cabeça, narra-se o acontecimento central da história, que nos abriu as portas do Céu. Nesse texto, como numa filigrana, escuta-se o eco dos três relatos da Encarnação que os evangelhos nos transmitem. São Mateus, ao falar da anunciação do mistério a São José, põe na boca do Anjo as mesmas palavras com que se refere ao Filho da Virgem Maria: *por-lhe-ás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados*⁴³. A encarnação e o nascimento de Jesus manifestam a infinita bondade divina: uma vez que não podíamos voltar para Deus pelas nossas próprias forças, por causa do pecado – o original e os pessoais –, Ele veio ao nosso encontro: *Tanto amou Deus o mundo que lhe entregou o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que crê nEle não pereça, mas tenha a vida eterna*⁴⁴. Recordo-vos aquela consideração com que o nosso Padre nos instava a viver uma fé atual, profunda: ***Se não nos enchemos de pismo ante os mistérios de Deus, acabamos por perder a fé***⁴⁵. Cuidamos com delicadeza do trato com Jesus? Agradecemos essa onipotência do Senhor que reclama a nossa submissão, como prova de amor?

*Verbum caro factum est*⁴⁶. O Verbo de Deus não só se aproximou de nós para nos falar, como antes no Antigo Testamento, como se fez um de nós, descendente de Adão e Eva, ao tomar carne e sangue da Virgem Maria; igual a nós em tudo, exceto no pecado⁴⁷. Quis vir ao mundo para nos ensinar que ***podem ser divinos todos os caminhos da terra, todos os estados, todas as profissões, todas as tarefas honestas***⁴⁸, e insta-nos a percorrê-los santamente, com perfeição sobrenatural e humana. De que modo infinito e maravilhoso se aproxima de nós o *Deus conosco!*

Ao narrar a anunciação a Nossa Senhora, São Lucas registra a conversa do Arcanjo Gabriel com Maria, explicando-lhe o desígnio de Deus: *O Espírito Santo descerá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso, aquele que nascerá de ti será chamado Filho de Deus*⁴⁹. Em Santa Maria converge o olhar amoroso das três Pessoas divinas, que a tinham escolhido desde a eternidade para ser a autêntica arca da aliança, o refúgio dos pecadores, porque o Filho de Deus ia tomar carne humana no seu seio puríssimo. A sua resposta

⁴¹ Santo Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, q. 82, a. 3 ad 2.

⁴² Missal Romano, Ordinário da Missa, Símbolo niceno-constantinopolitano.

⁴³ *Mt* 1,21.

⁴⁴ *Jo* 3,16.

⁴⁵ São Josemaria, Notas de uma conversa, 25-10-1973.

⁴⁶ *Jo* 1,14.

⁴⁷ Cf. *Hb* 4,15.

⁴⁸ São Josemaria, *Questões atuais do Cristianismo*, n. 26.

⁴⁹ *Lc* 1, 35.

imediate e decidida – *Fiat mihi secundum verbum tuum*⁵⁰, faça-se em mim segundo a tua palavra – abriu passagem a este grande e consolador mistério. Todos os dias, ao recitarmos o Ângelus, comemoramos esse momento singular da história da salvação. Com que devoção o fazemos? Damos graças a Nossa Senhora, do fundo da alma, pela sua entrega total ao cumprimento do desígnio divino? Saboreemos sempre mais e mais a consideração de São Josemaria: ***Ó Mãe, Mãe! Com essa tua palavra – “fiat” – nos tornaste irmãos de Deus e herdeiros da sua glória. – Bendita sejas!***⁵¹.

Todas estas razões, e muitas mais que caberia enumerar, podem resumir-se numa só: “O Verbo encarnou-se para nos fazer «participantes da natureza divina» (2 Pe 1, 4): “Porque tal é a razão pela qual o Verbo se fez homem, e o Filho de Deus, Filho do homem: para que o homem, ao entrar em comunhão com o Verbo e receber assim a filiação divina, se convertesse em filho de Deus»”⁵².

Jesus Cristo é realmente a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade: o Filho do eterno Pai que assumiu verdadeiramente a nossa natureza humana, sem deixar de ser Deus. Jesus não é um ser em parte divino e em parte humano, como uma mistura impossível da divindade e da humanidade. É *perfectus Deus, perfectus homo*, como proclamamos no *Quicumque* ou Símbolo Atanasiano. Esforcemo-nos por penetrar a fundo nesta verdade; peçamos ao Paráclito que nos ilumine para podermos captá-la mais profundamente, convertendo-a em vida da nossa vida, e para comunicá-la com santo entusiasmo aos outros. Não esqueçamos que devemos manifestar em cada momento, em qualquer circunstância, o orgulho santo de sermos irmãos de Jesus, filhos de Deus Pai em Cristo.

Consideremo-lo uma vez mais: “A verdadeira fé consiste em que creiamos e confessemos que Nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, é Deus e homem. É Deus, gerado da mesma substância do Pai antes do tempo; e homem, gerado da substância da sua Santíssima Mãe no tempo: que subsiste com alma racional e carne humana. É igual ao Pai segundo a divindade; menor que o Pai segundo a humanidade. E, embora seja Deus e homem, não são dois Cristos, mas um só Cristo. Um só, não pela conversão da divindade em corpo, mas pela assunção da humanidade em Deus. Um absolutamente, não por confusão de substância, mas na unidade da pessoa”⁵³.

Evidentemente, encontramos-nos diante de um mistério tão esplendoroso que a razão fica deslumbrada ao considerá-lo. Acontece – e a analogia é muito pobre – algo de parecido com o que se passa com alguém que tenta fitar diretamente o sol e tem de afastar os olhos porque não é possível resistir a tanta luz. Perante o mistério da Encarnação, não há outra saída senão a que indicava o nosso Padre: ***Necessitamos das disposições humildes da alma cristã: não pretender reduzir a grandeza de Deus aos nossos pobres conceitos,***

⁵⁰ Lc 1, 38.

⁵¹ São Josemaria, *Caminho*, n. 512.

⁵² *Catecismo da Igreja Católica*, n. 460. A citação é de Santo Ireneu de Lyon, *Contra as heresias*, 3, 19, 1 (PG VII/1, 939).

⁵³ Símbolo *Quicumque* 30-36 (Denz. 76).

*às nossas explicações humanas, mas compreender que esse mistério, na sua obscuridade, é uma luz que guia a vida dos homens*⁵⁴.

⁵⁴ São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 13.

Creio em Jesus Cristo, que se encarnou no seio da Virgem Maria, e se fez homem.

Precisamente na gruta de Belém, manifesta-se não só a infinita caridade de Deus pelas suas criaturas, mas também a sua insondável humildade. Essa Criança que emite os seus primeiros vagidos, que sente frio, que precisa do calor de Maria e de José, é o Deus todopoderoso e eterno que, sem abandonar o Céu para vir à terra, quis despojar-se da glória da sua divindade: *Sendo de condição divina, não reteve avidamente a sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo tomando a forma de servo, feito semelhante aos homens*⁵⁵. Perante uma realidade tão maravilhosa, entende-se que o nosso Padre exclamasse com frequência: ***Por que me amas tanto, Senhor?***

«O paradoxo cristão – comenta Bento XVI – consiste precisamente na identificação da Sabedoria divina, isto é, do *Logos* eterno, com o homem Jesus de Nazaré e com a sua história. Não se encontra solução para este paradoxo senão na palavra “Amor”, que naturalmente se deve escrever neste caso com «A» maiúscula, pois se trata de um Amor que ultrapassa infinitamente as dimensões humanas e históricas»⁵⁶.

Para que se visse claramente que a humildade é imprescindível para receber a luz da Encarnação, a Escritura conta-nos que as primeiras testemunhas do aniquilamento divino – além de Maria e José – foram uns pobres pastores que vigiavam os seus rebanhos nos arredores de Belém: gente simples e pouco considerada pelos outros. O Senhor pôs os olhos neles porque “o que atrai a benevolência de Deus é sobretudo a humildade do coração”⁵⁷. O próprio Jesus, anos mais tarde, dará graças ao seu Pai celestial *porque ocultaste estas coisas aos sábios e prudentes e as revelaste aos pequenos. Sim, Pai, porque assim foi do teu agrado*⁵⁸.

Também os Magos reconheceram o Messias porque foram simples, generosamente atentos ao sinal divino. ***Nosso Senhor dirige-se a todos os homens, para que caminhem ao seu encontro, para que sejam santos. Não chama só os Reis Magos, que eram sábios e poderosos; antes disso, tinha enviado aos pastores de Belém, não já uma estrela, mas um dos seus anjos (cf. Lc 2, 9). Uns e outros – sejam pobres ou ricos, sábios ou menos sábios – devem fomentar na sua alma uma disposição humilde que permita escutar a voz de Deus***⁵⁹.

Lembro-me com emoção das vezes em que São Josemaria punha diante dos nossos olhos a cena do nascimento do Senhor. Falava da ***cátedra de Belém***, de onde Jesus Menino nos dá muitas lições; entre outras, e especialmente, a da humildade, para que aprendamos a render o nosso juízo e a nossa soberba, contemplando o divino Infante.

⁵⁵ *Flp* 2, 6-7

⁵⁶ Bento XVI, Homilia nas Vésperas de 17-12-2009.

⁵⁷ Beato João Paulo II, Discurso na audiência geral, 6-11-1996.

⁵⁸ *Mt* 11,25,26

⁵⁹ São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 33.

Admiremos, além disso, que o Senhor, ao pôr os olhos na Virgem Maria para fazê-la sua Mãe, se deixou atrair especialmente – falando em termos humanos – pela sua humildade, pela sua baixeza: *porque pôs os olhos na humildade da sua escrava, por isso desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada*⁶⁰.

Esta disposição, que temos de pedir a Deus, não exclui a aspiração de conseguirmos mais eficácia nas tarefas que nos ocupam, servindo-nos de todos os meios ao nosso alcance para melhorarmos, para honrarmos o Senhor com os nossos afazeres. Muito pelo contrário, como expõe o Santo Padre, «trata-se de estudar, de aprofundar nos conhecimentos mantendo um espírito de “pequenos”, um espírito humilde e singelo, como o de Maria, a “Sede da Sabedoria”. Quantas vezes tivemos medo de aproximar-nos da gruta de Belém por estarmos preocupados de que isso pudesse ser obstáculo para o nosso espírito crítico e para a nossa “modernidade”! Mas nessa gruta cada um de nós pode descobrir a verdade sobre Deus, a verdade sobre o homem, sobre si mesmo. Nesse Menino, nascido da Virgem, ambas as verdades se encontraram: o anelo da vida eterna por parte do homem enterneceu o coração de Deus, que não se envergonhou de assumir a condição humana»⁶¹.

Ao considerarmos o imenso amor de Deus aos homens, que se manifesta sobretudo no mistério da Encarnação, *sentimo-nos atingidos*: assim o nosso Padre começa a sua homilia “Rumo à santidade”⁶², e penso que também nós desejamos assumir essa disposição interior ao recitar o Credo. Com que gratidão o confessamos, ao afirmarmos que o Verbo eterno de Deus tomou carne no seio da Virgem Maria, por obra do Espírito Santo, e se fez homem! Ao compasso destas palavras, inclinamo-nos profundamente – em duas ocasiões no ano, ajoelhamo-nos –, «porque o véu que escondia Deus, por assim dizer, se abre e o seu mistério insondável e inacessível nos toca: Deus converte-se no Emanuel, “Deus conosco”. Quando escutamos as Missas compostas pelos grandes mestres da música sacra – dizia o Santo Padre numa recente audiência – (...) notamos imediatamente de que modo se detêm especialmente nesta frase, quase querendo exprimir com a linguagem universal da música aquilo que as palavras não podem manifestar: o grande mistério de Deus que se encarna, que se faz homem»⁶³.

Nas semanas anteriores, seguimos os passos de Jesus pela terra ajudados pela liturgia: primeiro na oficina de Nazaré e depois pelos caminhos da Judeia e da Galileia. Sugiro-vos que agora, ao meditarmos neste grande mistério do Deus feito homem, nos detenhamos nos diversos momentos da vida terrena do Senhor. Porque não só teve um verdadeiro nascimento humano em Belém, mas esteve entre nós durante mais de trinta anos levando uma existência plenamente humana. São Josemaria animava-nos a que lhe agradecêssemos por ter tomado a nossa carne, assumindo-a com todas as suas conseqüências; e insistia: ***Deus não se vestiu de homem: encarnou-se***⁶⁴. O Concílio Vaticano II recorda-nos que o Filho de Deus «trabalhou com mãos de homem, pensou com inteligência de homem,

⁶⁰ Lc 1,48.

⁶¹ Bento XVI, Homilia nas Vésperas de 17-12-2009.

⁶² Cf. São Josemaria, *Amigos de Dios*, n. 294.

⁶³ Bento XVI, Discurso na audiência geral, 2-1-2013.

⁶⁴ São Josemaria, Notas de uma meditação, 25-12-1972.

agiu com vontade de homem, amou com coração homem. Nascido da Virgem Maria, fez-se um dos nossos verdadeiramente, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado»⁶⁵.

Enquanto pensamos na vida do Senhor, é muito importante «recuperarmos o assombro perante este mistério, deixar-nos envolver pela grandeza deste acontecimento: Deus, o verdadeiro Deus, Criador de tudo, percorreu os nossos caminhos como homem, entrando no tempo do homem para comunicar-nos a sua própria vida (cf. 1 Jo 1, 1-4)»⁶⁶. Aprofundemos, pois, com o auxílio da graça, nas consequências de Deus ter-se feito homem perfeito: Jesus dá-nos exemplo de como comportarmo-nos em todo o momento – de acordo com a dignidade que nos alcançou – como verdadeiros filhos de Deus. Durante o ano litúrgico, recordaremos novamente, com um sentido novo, os seus principais ensinamentos. Procuremos assimilá-los pessoalmente, tratando de reproduzi-los na nossa existência cotidiana: este é o caminho seguro – não há outro – para alcançarmos a santidade à que o Senhor chama todos os cristãos. Ele mesmo indicou no Evangelho: *Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida (...); ninguém vai ao Pai senão por mim*⁶⁷.

Desde muito jovem, São Josemaria mostrava a senda para seguir a Cristo na vida diária àqueles que se aproximavam do seu trabalho pastoral, bem como àqueles – porque não deve haver pausas no apostolado – que ele mesmo buscava para levá-los ao Senhor. Deus concedeu-lhe uma luz especial para que descobrisse o conteúdo salvífico da existência de Cristo em Nazaré, que – como afirma o *Catecismo da Igreja Católica* – «permite a todo homem estar unido a Jesus nos caminhos mais cotidianos da vida»⁶⁸. Bento XVI afirmou-o expressamente ao reconhecer que na conduta e nos escritos do nosso Fundador brilha, com força especial, um raio da luz divina contida no Evangelho, precisamente por ter ensinado que a santidade pode e deve ser alcançada nas circunstâncias normais da existência cristã⁶⁹, composta de horas de trabalho, de dedicação à família, de relações profissionais e sociais...

De fato, Deus pôs no coração de São Josemaria ***o anseio de fazer compreender às pessoas de qualquer estado, condição ou ofício, esta doutrina: a vida corrente pode ser santa e plena de Deus; o Senhor chama-nos a santificar as ocupações habituais, porque também nelas se encontra a perfeição do cristão***⁷⁰. E iluminou-o para que fundasse o Opus Dei, *caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres cotidianos do cristão*⁷¹. O seu espírito é um guia seguro para aqueles que desejam encontrar Cristo, segui-LO e amá-LO no meio dos afãs terrenos, em todas as encruzilhadas da terra.

O mistério da Encarnação fala-nos da entrega de Deus a toda a humanidade. O Verbo divino, «ao fazer-se carne, quis fazer-se dom para os homens, deu-se a si mesmo por nós (...), assumiu a nossa humanidade para dar-nos a sua divindade. Este é o grande dom. Também quando doamos – explica o Santo Padre –, não é importante que um presente

⁶⁵ Concílio Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, n. 22.

⁶⁶ Bento XVI, Discurso na audiência geral, 9-1-2013.

⁶⁷ Jo 14,6.

⁶⁸ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 533.

⁶⁹ Cf. Bento XVI, Exort. apost. *Verbum Domini*, 30-9-2010, n. 48.

⁷⁰ São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 148.

⁷¹ Oração a São Josemaria.

seja mais ou menos caro; quem não é capaz de dar um pouco de si mesmo, sempre doa demasiado pouco. Mais ainda: às vezes, procura-se substituir o coração e o compromisso da entrega de si mesmo com o dinheiro, com coisas materiais. O mistério da Encarnação indica que Deus não fez assim: não doou alguma coisa, mas doou-se a si mesmo no seu Filho unigênito»⁷². E espera o mesmo de cada uma, de cada um de nós.

⁷² Bento XVI, Discurso na audiência geral, 9-1-2013.

***Creio que Jesus Cristo para nossa salvação foi crucificado sob Pôncio Pilatos;
padeceu e foi sepultado.***

Na linha das sugestões da Carta apostólica *Porta fidei*, avancemos na consideração dos artigos do Credo neste Ano da fé. Convido-vos a aprofundar em outra das verdades que confessamos todos os domingos. Depois de manifestarmos a nossa fé na Encarnação, somos estimulados a evocar a Paixão, Morte e Sepultura de Nosso Senhor Jesus: fatos históricos que realmente aconteceram num lugar e tempo determinados, como certificam não só os evangelhos, mas muitas outras fontes. Ao mesmo tempo, estes autênticos acontecimentos, pelo seu significado e efeitos, ultrapassam as meras coordenadas históricas, porque se trata de eventos salvíficos, isto é, portadores da salvação operada pelo Redentor.

A Paixão e Morte do Senhor, assim como a sua Ressurreição, profetizadas no Antigo Testamento, encerram uma finalidade e um sentido sobrenatural únicos. Não foi um homem qualquer, mas o Filho de Deus feito homem, o Verbo encarnado, quem se imolou na Cruz por todos, em expiação dos nossos pecados. E esse único sacrifício de reconciliação faz-se presente nos nossos altares, de modo sacramental, cada vez que se celebra a Santa Missa: com que piedade diária temos de celebrar o Santo Sacrifício ou participar dele!

Meditemos com vagar o Credo. O chamado “Símbolo dos Apóstolos”, que se pode rezar especialmente durante a Quaresma, afirma que Nosso Senhor Jesus Cristo padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu aos infernos e ao terceiro dia ressuscitou dentre os mortos⁷³. É o mesmo – com ligeiras variantes – que ensina o símbolo de fé que se reza habitualmente na Missa, seguindo a formulação dos primeiros Concílios ecumênicos. O *Catecismo da Igreja Católica* ensina que «a morte violenta de Jesus não foi fruto do acaso numa infeliz constelação de circunstâncias. Pertence ao mistério do desígnio de Deus, como o testemunha São Pedro aos judeus de Jerusalém já no seu primeiro discurso de Pentecostes: «Foi entregue segundo determinado desígnio e presciência de Deus» (At 2, 23)»⁷⁴.

O próprio Jesus no-lo tinha advertido: *Por isso o Pai me ama, porque dou a minha vida para tomá-la de novo. Ninguém ma tira, mas sou Eu que a dou livremente. Tenho o poder de dá-la e tenho o poder de recuperá-la. Esta é a ordem que recebi de meu Pai*⁷⁵. Deste modo, ***o abismo de malícia contido no pecado foi transposto por uma Caridade infinita. Deus não abandona os homens (...). Esse fogo, esse desejo de cumprir o decreto salvador de Deus Pai, impregna toda a vida de Cristo, desde o seu próprio nascimento em Belém. Ao***

⁷³ Missal Romano, Símbolo apostólico.

⁷⁴ Catecismo da Igreja Católica, n. 599.

⁷⁵ Jo 10, 17-18.

*longo dos três anos em que conviveram com Ele, os discípulos ouvem-no repetir incansavelmente que o seu alimento é fazer a vontade dAquele que o enviou (cf. Jo 4, 34). Até que, indo a meio a tarde da primeira Sexta-Feira Santa, se concluiu a sua imolação. Inclinando a cabeça, entregou o espírito (Jo 19, 30). É com estas palavras que o Apóstolo São João nos descreve a morte de Cristo. Jesus, assumindo todas as culpas dos homens sob o peso da Cruz, morre por causa da força e da vileza dos nossos pecados*⁷⁶.

Como devemos estar agradecidos a Nosso Senhor pelo amor incomensurável que nos demonstrou! Livremente e por amor, ofereceu o sacrifício da sua vida, não só pela humanidade tomada no seu conjunto, mas por cada uma, por cada um de nós, como diz São Paulo: *Dilexit me et tradidit seipsum por me*⁷⁷, amou-me e entregou-se a si mesmo à morte por mim. Com uma expressão forte, o mesmo Apóstolo revela o cúmulo do amor redentor de Cristo ao afirmar: *Aquele que não conheceu o pecado, Deus o fez pecado por nós, para que nEle nós nos tornássemos justiça de Deus*⁷⁸.

A este propósito, dizia Bento XVI numa audiência: «Como é maravilhoso e, ao mesmo tempo, surpreendente este mistério! Nunca poderemos meditar suficientemente nesta realidade. Jesus, apesar da sua condição divina, não fez alarde da sua categoria de Deus como propriedade exclusiva; não quis utilizar a sua natureza divina, a sua dignidade gloriosa e o seu poder, como instrumento de triunfo e sinal de distância em relação a nós. Pelo contrário, “despojou-se da sua dignidade”, assumindo a miserável e débil condição humana.»⁷⁹

“No seu desígnio de salvação – ensina o *Catecismo da Igreja Católica* –, Deus dispôs que o seu Filho não somente «morresse pelos nossos pecados» (1 *Cor* 15, 3), mas também que «provasse a morte», isto é, que conhecesse o estado de morte, o estado de separação entre a sua alma e o seu corpo, durante o tempo compreendido entre o momento em que expirou na Cruz e o momento em que ressuscitou”⁸⁰. Assim se pôs de manifesto, com ainda maior evidência, a realidade da morte de Jesus e a extensão da boa nova da salvação às almas que se encontravam no “sheol” ou “inferno”; assim denomina a Escritura o estado em que se encontravam todos os defuntos, privados da visão de Deus porque ainda não se tinha levado a cabo a redenção. Mas essa descida da Cruz teve efeitos desiguais: “Jesus não desceu aos infernos para libertar os condenados nem para destruir o inferno da condenação, mas para libertar os justos que o tinham precedido”⁸¹; mais uma demonstração da justiça e da misericórdia de Deus, que temos de valorizar e agradecer.

Aproxima-se a Semana Santa; procuremos tirar aplicações pessoais das cenas que a liturgia nos move a considerar. ***Meditemos no Senhor ferido dos pés à cabeça por***

⁷⁶ São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 95.

⁷⁷ *Gal.* 2, 20.

⁷⁸ *Gal.* 2, 20.

⁷⁹ Bento XVI, Discurso na audiência geral, 8-4-2009.

⁸⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 624.

⁸¹ *Ibid.*, n. 633.

*amor de nós*⁸², convidava São Josemaria. Detenhamo-nos sem pressas nos últimos momentos da passagem do Senhor pela terra. Porque *na tragédia da Paixão consuma-se a nossa própria vida e toda a história humana. A Semana Santa não pode reduzir-se a uma mera recordação, já que é a consideração do mistério de Jesus Cristo, que se prolonga nas nossas almas; o cristão está obrigado a ser alter Christus, ipse Christus, outro Cristo, o próprio Cristo. Pelo Batismo, todos fomos constituídos sacerdotes da nossa própria existência, para oferecer vítimas espirituais que sejam agradáveis a Deus por Jesus Cristo (1 Pe 2, 5), para realizarmos cada uma das nossas ações em espírito de obediência à vontade de Deus, e assim perpetuarmos a missão do Deus-Homem*⁸³.

Preparemo-nos já para assistir com profunda devoção à liturgia do Tríduo pascal. Cada um pode, além disso, pensar em outros modos concretos de aproveitar melhor esses dias. Juntamente com as numerosas manifestações de religiosidade popular que existem, como as procissões, os ritos penitenciais, não esqueçamos que «há um exercício de piedade, a “Via-Sacra”, que nos oferece durante todo o ano a possibilidade de imprimirmos cada vez mais profundamente no nosso espírito o mistério da Cruz, de avançarmos com Cristo por este caminho, configurando-nos assim interiormente com Ele»⁸⁴.

Revivamos com piedade a Via-Sacra durante a Quaresma, cada qual do modo que mais o ajude: o importante é meditar com amor e agradecimento na Paixão do Senhor. Desde a oração em Getsêmani até a morte sepultura, os evangelhos oferecem-nos abundante matéria para a nossa oração pessoal. Também nos podem servir as considerações dos santos e de muitos autores espirituais. Escutemos a sugestão de São Josemaria: *Meu Senhor e meu Deus! Sob o olhar amoroso da nossa Mãe, dispomo-nos a acompanhar-te pelo caminho de dor que foi o preço do nosso resgate*⁸⁵. Atrevamo-nos a dizer: *Minha Mãe, Virgem dolorosa, ajuda-me a reviver aquelas horas amargas que o teu Filho quis passar na terra, para que nós, feitos de um punhado de lodo, vivêssemos por fim in libertatem gloriae filiorum Dei, na liberdade e glória dos filhos de Deus*⁸⁶.

⁸² São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 95.

⁸³ *Ibid.*, n. 96.

⁸⁴ Bento XVI, Discurso na Audiência geral, 4-4-2007.

⁸⁵ São Josemaria, *Via Sacra*, prólogo.

⁸⁶ *Ibid.*

Creio que Jesus Cristo ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras

Ontem começou o tempo pascal. O *aleluia* cheio de júbilo, que sobe da terra ao céu de todos cantos da terra, manifesta a fé inquebrantável da Igreja no seu Senhor. Jesus, após a sua afrontosa morte na Cruz, recebeu de Deus Pai, pelo Espírito Santo, uma nova vida – uma vida plena de glória na sua Humanidade Santíssima –, como confessamos aos domingos num dos artigos do Credo: o mesmo Jesus – *perfectus homo*, homem perfeito – que sofreu a morte sob Pôncio Pilatos e foi sepultado, esse mesmo Jesus ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras⁸⁷, para nunca mais morrer e como penhor da nossa ressurreição futura e da vida eterna que esperamos. Digamos, pois, com a Igreja: *Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos glória sempre, Senhor, mas mais solenemente neste tempo em que Cristo, nossa páscoa, foi imolado. Ele é o Cordeiro de Deus que tirou o pecado do mundo: morrendo, destruiu a morte, e, ressuscitando, restaurou a vida*⁸⁸.

Procuremos aprofundar, com a ajuda do Paráclito, neste grande mistério da fé, sobre o qual se apoia – como o edifício sobre os seus alicerces – toda a vida cristã. “O mistério da Ressurreição de Cristo – ensina o *Catecismo da Igreja Católica* – é um acontecimento real que teve manifestações historicamente comprovadas, como atesta o Novo Testamento”⁸⁹. São Paulo explicava-o aos cristãos de Corinto: *Porque eu vos transmiti em primeiro lugar o mesmo que recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; e apareceu a Cefas e depois aos doze*⁹⁰.

O caráter total excepcional da ressurreição de Cristo consiste em que a sua Humanidade Santíssima, uma vez reunidos de novo a alma e o corpo pela virtude do Espírito Santo, foi completamente transfigurada na glória de Deus Pai. É um fato histórico certificado por testemunhas plenamente críveis; mas é, ao mesmo tempo e, sobretudo, objeto fundamental da fé cristã. O Senhor, “no seu corpo ressuscitado, passa do estado de morte para outra vida, além do tempo e do espaço. Na Ressurreição, o corpo de Jesus enche-se do poder do Espírito Santo; participa da vida divina no estado da sua glória, de tal modo que São Paulo pôde dizer de Cristo que Ele é o «Adão celeste» (cf. 1 *Cor* 15, 35-50)”⁹¹.

Meditemos no que São Josemaria escreveu numa das suas homilias: ***Cristo vive. Jesus é o Emanuel: Deus conosco. A sua Ressurreição revela-nos que Deus não abandona os seus (...).***

⁸⁷ Missal Romano, Símbolo niceno-constantinopolitano.

⁸⁸ Missal Romano, Prefácio I da Páscoa.

⁸⁹ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 639.

⁹⁰ 1 *Cor* 15, 3-5.

⁹¹ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 646.

Cristo vive na sua Igreja. “Digo-vos a verdade: a vós convém que eu vá, porque, se não for, o Consolador não virá a vós; mas, se for, eu vo-lo enviarei” (Jo 16, 7). *Tais eram os desígnios de Deus: Jesus, morrendo na Cruz, dava-nos o Espírito de Verdade e de Vida. Cristo permanece na sua Igreja: nos seus sacramentos, na sua liturgia, na sua pregação e em toda a sua atividade.*

De modo especial, Cristo continua presente entre nós nessa entrega diária que é a Sagrada Eucaristia. Por isso, a Missa é o centro e a raiz da vida cristã. Em todas as missas está sempre o Cristo total, Cabeça e Corpo. Por Cristo, com Cristo e em Cristo. Porque Cristo é o Caminho, o Medianeiro; nEle encontramos tudo; fora dEle, a nossa vida torna-se vazia. Em Jesus Cristo, e instruídos por Ele, atrevemo-nos a dizer – audemus dicere – Pater noster, Pai nosso. Atrevemo-nos a chamar Pai ao Senhor dos céus e da terra.

*A presença de Jesus vivo é a garantia da sua presença no mundo*⁹².

Jesus ressuscitado é também o Dono do mundo, o Senhor da história: nada acontece sem que Ele o queira ou permita em função dos desígnios salvadores de Deus. São João no-lo apresenta no Apocalipse em toda a sua glória: *No meio dos candelabros [vi] alguém semelhante ao Filho do homem, vestido com uma túnica até aos pés e o peito cingido por um cinto de ouro. A sua cabeça e os seus cabelos eram brancos como lã cor de neve, os seus olhos como chamas de fogo, os seus pés semelhantes ao metal precioso incandescente na fornalha, a sua voz como o estrondo de muitas águas. Segurava na mão direita sete estrelas, da sua boca saía uma espada afiada de dois gumes, e o seu rosto era como o sol quando brilha em todo o seu esplendor*⁹³.

Esta soberania de Nosso Senhor sobre o mundo e sobre a história em toda a sua amplitude exige de nós, seu discípulos, que nos empenhemos com todas as nossas forças na edificação do seu reino na terra. Uma tarefa que requer não só que amemos a Deus com todo o coração e toda a alma, mas que amemos com uma caridade afetiva e efetiva, *com obras e de verdade*⁹⁴, cada um dos nossos semelhantes, particularmente os que estão mais necessitados. Por isso, *compreende-se muito bem* – escreveu São Josemaria – *a impaciência, a angústia e os anseios inquietos daqueles que, com alma naturalmente cristã (cf. Tertuliano, Apologético, 17), não se resignam perante as situações de injustiça pessoal e social que o coração humano é capaz de criar. Tantos séculos de convivência entre os homens, e ainda tanto ódio, tanta destruição, tanto fanatismo acumulado em olhos que não querem ver e em corações que não querem amar*⁹⁵.

Esta é, como sabeis, uma das preocupações que o novo Papa manifestou desde os primeiros momentos do seu pontificado. Impelidos pelo exemplo e pelos ensinamentos do nosso Padre, continuemos a esforçar-nos por levar a caridade de Cristo, a solicitude espiritual e material pelos outros, ao ambiente em que cada qual trabalha; de modo pessoal,

⁹² São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 102.

⁹³ Ap 1, 13-16.

⁹⁴ 1 Jo 3, 18.

⁹⁵ São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 111.

mas também procurando e pedindo a urgente colaboração de outras pessoas que manifestam esta preocupação pelos necessitados. Não esqueçamos nunca que o Opus Dei nasceu e se reforçou, por querer divino, entre os pobres e doentes dos bairros periféricos de Madri; e a eles o nosso Fundador se dedicou com generosidade e otimismo, com grande emprego de tempo, nos primeiros anos da Obra. Em 1941, escrevia: ***Não é preciso recordar-vos, porque assim o viveis, que o Opus Dei nasceu entre os pobres de Madri, nos hospitais e nos bairros mais miseráveis: e continuamos a atender os pobres, as crianças e os doentes. É uma tradição que nunca se interromperá na Obra***⁹⁶.

Poucos anos depois, São Josemaria completava este ensinamento com outras palavras bem claras que, apesar do tempo decorrido, conservam plena atualidade. ***Neste tempo de confusão*** – escrevia –, ***não se sabe o que é direita, nem centro, nem esquerda, no campo político e no social. Mas se por esquerda se entende conseguir o bem-estar para os pobres, a fim de que todos possam satisfazer o direito de viver com um mínimo de conforto, de trabalhar, de estar bem atendidos se adoecem, de distrair-se, de ter filhos e poder educá-los, de ser velhos e ser atendidos, então eu estou mais à esquerda do que ninguém. Naturalmente, dentro da doutrina social da Igreja, e sem compromissos com o marxismo ou com o materialismo ateu; nem com a luta de classes, anticristã, porque nestas coisas não podemos transigir***⁹⁷.

Doía especialmente ao nosso Fundador ver que o desamor e a falta de caridade com os indigentes também se dava às vezes entre os cristãos:

Os bens da terra, repartidos entre poucos; os bens da cultura, encerrados em cenáculos. E, lá fora, fome de pão e de sabedoria; vidas humanas – que são santas, porque vêm de Deus – tratadas como simples coisas, como números de uma estatística. Compreendo e partilho dessa impaciência, levantando os olhos para Cristo, que continua a convidar-nos a pôr em prática o mandamento novo do amor.

Todas as situações que a nossa vida atravessa trazem uma mensagem divina e pedem-nos uma resposta de amor, de entrega aos outros⁹⁸.

Minhas filhas e filhos, meditemos nestas palavras e façamo-las ressoar nos ouvidos de muitas pessoas, a fim de que o *mandamento novo* da caridade brilhe na vida de todos e seja – como Jesus queria – o distintivo de todos os seus discípulos⁹⁹. Queria que aprofundássemos na frase que se lê no Evangelho após o relato da ressurreição de Jesus: *Gavisi sunt discipuli viso Domino*¹⁰⁰, os discípulos encheram-se de alegria ao verem o Senhor. Consideremos também que o Mestre nos segue sempre de perto, e temos que descobri-lo, de olhá-lo, nas circunstâncias extraordinárias e ordinárias da vida corrente, convencidos daquilo que São Josemaria afirmava: ou o encontramos aí, ou não o encontraremos nunca.

⁹⁶ São Josemaria, *Instrução*, 8-12-1941.

⁹⁷ São Josemaria, *Instrução*, maio-1935/14-9-1950, nota 146.

⁹⁸ São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 111.

⁹⁹ Cf. *Jo* 13, 34-35.

¹⁰⁰ *Jo* 20, 20.

Por isso, será que, com o triunfo de Cristo, com a certeza de que Ele conta conosco, demos um novo rumo ao nosso *gaudium cum pace*, à nossa alegria cheia de paz? Tem essa alegria conteúdo sobrenatural e humano?

Creio que Jesus Cristo subiu aos Céus, onde está sentado à direita do Pai.

Continuando com a exposição dos artigos do Credo, aprofundemos no mistério da Ascensão do Senhor. Cremos, com efeito, que Jesus Cristo, depois de ressuscitado, *subiu ao céu e está sentado à direita de Deus Pai*¹⁰¹. Esta solenidade, que celebraremos neste mês – na quinta-feira dia 9 ou, nos países em que foi transferida para o domingo seguinte, no dia 12 –, deve constituir para todos uma ocasião de recordar o ditoso fim a que fomos chamados. Esta verdade lembra-nos um fato histórico e, ao mesmo tempo, um acontecimento de salvação. Como fato histórico, a Ascensão «marca a entrada definitiva da humanidade de Jesus no domínio celestial de Deus, de onde há de voltar, mas que, entretentes, o oculta aos olhos dos homens»¹⁰². Agora está presente na Eucaristia, de modo sacramental; mas, no seu ser natural, está somente no Céu, de onde virá no fim dos tempos, cheio de glória e majestade, para julgar todos os homens.

O evangelista que relata com mais pormenor este acontecimento é São Lucas. No começo dos Atos do Apóstolos, escreve que o Senhor, *depois da sua Paixão, apresentou-se vivo diante deles* [diante dos Apóstolos e de outros discípulos], *com muitas provas, aparecendo-lhes durante quarenta dias e falando-lhes das coisas do reino de Deus*¹⁰³. Também narra que, em uma das aparições aos Apóstolos, o Senhor *lhes abriu o entendimento para que compreendessem as Escrituras. E disse-lhes: “Assim está escrito: que era necessário que Cristo padecesse, mas que ressurgisse dentre os mortos ao terceiro dia, e que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. Vós sois as testemunhas de tudo isto”*¹⁰⁴.

São Josemaria considerou muitas vezes estas cenas, nas reuniões familiares que costumava ter com numerosas pessoas. Numa ocasião, por exemplo, convidava os que o escutavam a pensar no Senhor depois da Ressurreição, quando ***falava de muitas coisas, de tudo o que os seus discípulos lhes perguntavam. Aqui imitamo-lo agora um pouquinho, porque vós e eu somos discípulos do Senhor e queremos trocar impressões***¹⁰⁵. E em outro momento, acrescentava: ***Falava-lhes como nós falamos agora aqui: a mesma coisa! Isso é a contemplação: trato com Deus. E a contemplação e o trato com Deus levam-nos ao zelo pelas almas, à fome de trazer Cristo aos que se afastaram***¹⁰⁶.

Mas voltemos ao momento da Ascensão, quando Jesus *os levou até perto de Betânia e, levantando as mãos, os abençoou. E, enquanto os abençoava, separou-se deles e começou a elevar-se ao céu*¹⁰⁷. Numa das últimas audiências, refletindo sobre este mistério, o Papa Francisco

¹⁰¹ Missal Romano, Símbolo niceno-constantinopolitano.

¹⁰² *Catecismo da Igreja Católica*, n. 665.

¹⁰³ *At* 1, 3.

¹⁰⁴ *Lc* 24, 46-48.

¹⁰⁵ São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 29-10-1972.

¹⁰⁶ São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 3-11-1972.

¹⁰⁷ *Lc* 24, 50-51.

perguntava-se: «Qual é o significado deste acontecimento? Quais são as suas consequências para a nossa vida? Que significa contemplar Jesus sentado à direita do Pai?»¹⁰⁸.

O Senhor subiu ao Céu como Cabeça da Igreja: deixou-nos para preparar-nos um lugar, como tinha prometido¹⁰⁹. “Precede-nos no Reino glorioso do Pai para que nós, membros do seu corpo, vivamos na esperança de estarmos um dia eternamente com Ele”¹¹⁰. No entanto, para entrarmos com Cristo na glória, é necessário que sigamos os seus passos. O Papa faz notar que, enquanto sobe a Jerusalém para a sua última Páscoa – em que ia consumir o sacrifício redentor –, «Jesus vê já a sua meta, o Céu, mas sabe com certeza que o caminho que o devolve à glória do Pai passa pela Cruz, pela obediência ao desígnio divino de amor à humanidade (...). Também nós devemos ter bem presente na nossa vida cristã que entrar na glória de Deus exige a fidelidade diária à sua vontade, mesmo quando esta requer sacrifício; quando, em certas ocasiões, requer que mudemos os nossos planos»¹¹¹. Não esqueçamos, filhas e filhos meus, que não há cristianismo sem Cruz, não há verdadeiro amor sem sacrifício, e procuremos conformar a nossa vida diária com esta realidade gozosa. Porque significa darmos os mesmos passos que o Mestre seguiu, Ele que é o *Caminho, a Verdade e a Vida*¹¹².

Por isso, a grande festa da Ascensão convida-nos a examinar como deve concretizar-se a nossa adesão à vontade divina: sem rêmoras, sem laços que nos atem ao nosso eu, com a determinação plena, renovada em cada dia, de procurar, aceitar e amar com todas as nossas forças essa vontade. ***O Senhor não nos oculta que a obediência rendida à vontade de Deus exige renúncia e entrega, porque o amor não reclama direitos: quer servir. Ele percorreu primeiro o caminho. Jesus: como foi que obedeceste? Usque ad mortem, mortem autem crucis (Fil 21, 8), até à morte, e morte de Cruz. Temos que sair de nós mesmos, complicar a vida, perdê-la por amor de Deus e das almas***¹¹³.

A Sagrada Escritura conta que, depois da Ascensão, os Apóstolos *regressaram a Jerusalém com grande alegria. E estavam continuamente no templo bendizendo a Deus*¹¹⁴. Uns dias antes, quando Jesus lhes anunciara que perderiam a sua presença sensível, tinham-se enchido de tristeza¹¹⁵; agora, porém, mostram-se cheios de alegria. Como se explica esta mudança? É que, com os olhos da fé, mesmo antes da chegada visível do Espírito Santo, «compreendem que Jesus, embora se subtraia à sua vista, permanece sempre com eles, não os abandona e, na glória do Pai, os sustém, os guia e intercede por eles»¹¹⁶.

Sabemos pela fé que também agora Jesus Cristo continua junto de nós e em nós, mediante a graça, com o Pai e o Espírito Santo, e na Sagrada Eucaristia. Ele é o nosso

¹⁰⁸ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 17-4-2013.

¹⁰⁹ Cf. *Jo* 14, 2-3.

¹¹⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 666.

¹¹¹ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 17-4-2013.

¹¹² *Jo* 14, 6.

¹¹³ São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 19.

¹¹⁴ *Lc* 24, 52-53.

¹¹⁵ Cf. *Jo* 16, 6.

¹¹⁶ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 17-4-2013.

apoio e a nossa fortaleza, o irmão mais velho, o amigo mais íntimo, que nunca nos abandona, especialmente nos momentos de tribulação ou de luta. «Segundo afirma São João na sua primeira Carta, Ele é o nosso advogado: como é bonito ouvir isto! Quando uma pessoa é citada pelo juiz ou entra num pleito, a primeira coisa que faz é procurar um advogado para que o defenda. Nós temos um que nos defende sempre, que nos defende das ciladas do demônio, nos defende de nós mesmos, dos nossos pecados! (...). Não temamos ir a Ele para pedir-lhe perdão, pedir-lhe benção, pedir-lhe misericórdia!»¹¹⁷ Esforçamo-nos por agir na presença de Deus, aconteça o que acontecer? Sabemos acolher as suas disposições? Com que intensidade o invocamos?

A certeza de que o Mestre nos acompanha constitui outra consequência do fato da Ascensão, que nos cumula de paz e alegria. Uma alegria e uma paz que necessariamente temos de comunicar aos outros, a todas as pessoas que passam por nós e especialmente aos que – talvez sem se aperceberem muito disso – sofrem por causa do seu afastamento de Deus. Como recalcava São Josemaria ao escrever sobre esta festa, ***temos uma grande tarefa à nossa frente. Não é possível permanecermos passivos, porque o Senhor nos declarou expressamente: Negociai até que eu volte (Lc 19, 13). Enquanto esperamos o regresso do Senhor, que voltará para tomar posse plena do seu Reino, não podemos ficar de braços cruzados. A propagação do Reino de Deus não é apenas tarefa oficial dos membros da Igreja que representam Cristo por terem recebido dEle os poderes sagrados. Vos autem estis corpus Christi (1 Cor 12, 27): vós também sois corpo de Cristo – frisa o Apóstolo –, com o mandato específico de negociar até o fim***¹¹⁸.

¹¹⁷ *Ibid.*

¹¹⁸ São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 121.

Creio que Jesus Cristo de novo há de vir em sua glória para julgar os vivos e os mortos;

e o seu Reino não terá fim.

E ao mergulharmos novamente no Tempo Comum, a liturgia recorda-nos que nos encontramos na etapa da história intermédia entre a vinda do Paráclito no Pentecostes e o advento glorioso de Jesus Cristo no fim dos tempos. Esta é uma das verdades contidas no Credo, com a qual se encerra o ciclo dos mistérios referentes a Nosso Senhor. Todos os domingos, na Santa Missa, confessamos que o Senhor, agora sentado à direita do Pai, *de novo há de vir em sua glória para julgar os vivos e os mortos, e o seu reino não terá fim*¹¹⁹.

«A partir da Ascensão – explica o *Catecismo da Igreja Católica* –, o advento de Cristo é iminente»¹²⁰, no sentido de que pode ocorrer em qualquer momento. Só Deus conhece quando terá lugar este acontecimento que marcará o fim da história e a renovação definitiva do mundo. Por isso, sem alarmismos nem temores, mas com sentido de responsabilidade, temos de caminhar bem preparados para esse encontro definitivo com Jesus, que, por outro lado, se realiza para cada um de nós no momento da morte. De Deus viemos e para Deus vamos: no fundo, esta realidade é a síntese da sabedoria cristã. No entanto, como o Papa lamentava recentemente, «estes dois polos da história são frequentemente esquecidos; e sobretudo a fé no retorno de Cristo e no juízo final às vezes não é tão clara e firme no coração dos cristãos»¹²¹.

Consideremos que esse encontro definitivo do Senhor com cada um de nós é precedido pela sua atuação constante em cada momento da nossa vida cotidiana. Ainda me recordo da vivacidade com que São Josemaria lhe pedia para este caminhar diário: *Mane nobiscum!*¹²², fica conosco. Dizemos-lhe isto conscientes de que temos de deixar que Ele atue em toda a nossa vida? Também nos estimulava a estar prontos para prestarmos contas a Deus em qualquer momento. Escreveu em *Caminho*: ***“Há de vir julgar os vivos e os mortos”, rezamos no Credo. – Oxalá não percas de vista esse julgamento e essa justiça e... esse Juiz***¹²³. Sou testemunha de que, todos os dias, considerava pessoalmente esta eventualidade e se enchia de alegria; da mesma maneira deveríamos alegrar-nos todos os que sabemos que somos filhos de Deus. Por isso acrescentava: ***Será que não brilha na tua alma o desejo de que teu Pai-Deus fique contente quando tiver que julgar-te?***¹²⁴.

O tempo presente, a etapa da história que cabe a cada um de nós percorrer, «é um tempo de expectativa e de vigília»¹²⁵, em que temos de trabalhar com a vontade e o

¹¹⁹ Missal Romano, Símbolo niceno-constantinopolitano.

¹²⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 673.

¹²¹ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 24-04-2013.

¹²² *Lc* 24, 29.

¹²³ São Josemaria, *Caminho*, n. 745.

¹²⁴ *Ibid.*, n. 746.

¹²⁵ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 672.

entusiasmo dos bons filhos para irmos estabelecendo na terra, com a ajuda da graça, o reino de Deus que Jesus Cristo levará à sua perfeição no último dia. Assim o explica o Senhor na parábola dos talentos, que o nosso Padre comentou em tantas ocasiões¹²⁶. O Romano Pontífice recordou-o em uma das suas catequese por ocasião do Ano da fé. «A espera pelo retorno do Senhor é o tempo da ação (...), o tempo de fazermos render os dons não para nós mesmos, mas para Ele, para a Igreja, para os outros; o tempo em que devemos sempre procurar fazer que o bem cresça no mundo. E hoje, em particular, neste período de crise, é importante não nos fecharmos em nós mesmos, enterrando o nosso talento, as nossas riquezas espirituais, intelectuais, materiais, tudo aquilo que o Senhor nos deu; mas abrimo-nos, sermos solidários, estarmos atentos ao outro»¹²⁷.

Minhas filhas e meus filhos, não deixemos estas recomendações caírem no esquecimento; esforcemo-nos para que outras pessoas – muitas! – não apenas as escutem, mas se esforcem para pô-las em prática. Em última instância, tudo se resume em permanecermos atentos, por amor a Deus, às necessidades dos demais, começando pelos mais próximos – pelos que se encontram ao nosso lado por motivos familiares, profissionais ou sociais –, tendo muito presente que – como escreveu São João da Cruz e o *Catecismo* cita – «no ocaso da nossa vida, seremos julgados quanto ao amor»¹²⁸. O próprio Cristo assim o manifesta na impressionante cena do juízo final descrita por São Mateus¹²⁹. Como é que servimos? Pomos alegria sobrenatural e humana nesses detalhes, que devem ser cotidianos?

A reflexão sobre estas realidades últimas não há de ser, repito, uma causa de temores que paralisem a alma, mas ocasião para irmos retificando a nossa senda terrena, conformando-nos com o que Deus espera de cada um de nós. Tem de impelir-nos a «viver melhor o presente. Deus oferece-nos este tempo com misericórdia e paciência, para que aprendamos a reconhecê-LO todos os dias nos pobres e nos pequenos; para que nos dediquemos ao bem e estejamos vigilantes na oração e no amor»¹³⁰.

¹²⁶ Cf. *Mt* 25, 14-30.

¹²⁷ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 24-04-2013.

¹²⁸ São João da Cruz, *Avisos e sentenças*, 57, in *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1022.

¹²⁹ Cf. *Mt* 25, 31-46.

¹³⁰ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 24-04-2013.

Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho;

e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado;

Ele que falou pelos Profetas.

A identificação plena com Cristo – nisto consiste a santidade – é atribuída de modo especial ao Espírito Santo. Agradeçamos-lhe pela ação com que constantemente santifica as almas. Nos dias anteriores, ao celebrarmos a solenidade de Pentecostes e a seguir a Santíssima Trindade, muitas vezes elevamos o nosso coração a esse Deus cuja vontade é – como escreve São Paulo – *que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade*¹³¹.

Somos sustentados e impelidos pelo Espírito Santo, que Jesus enviou ao mundo após a sua ascensão gloriosa ao Céu. Consideramo-lo com alegria na recente solenidade de Pentecostes e confessamos a sua existência e a sua ação na Igreja todas as vezes em que rezamos o Credo: *Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida, e procede do Pai e do Filho, e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado; Ele que falou pelos profetas*¹³².

Trata-se de uma verdade inacessível à razão humana, revelada por Cristo aos Apóstolos, que nos mostra a grandeza e a perfeição de Deus. «O Pai não foi feito, nem gerado, nem criado por ninguém. O Filho procede do Pai, não foi feito, nem criado, mas gerado. O Espírito Santo não foi feito, nem criado, nem gerado, mas procede do Pai e do Filho»¹³³. O *Catecismo da Igreja Católica* sintetiza esta doutrina em breves palavras: «A Unidade divina é Trina»¹³⁴.

O Espírito Santo é o Amor das duas primeiras Pessoas: Amor não-criado e infinito, Amor consubstancial, Amor eterno que procede da entrega mútua do Pai e do Filho: um mistério absolutamente sobrenatural que conhecemos por revelação do próprio Jesus Cristo e que nos ajuda a entender a grandeza do dom de amar. Fundamentados nas suas palavras, os Padres da Igreja e outros grandes teólogos guiados pelo Magistério esforçaram-se por ilustrar de algum modo – sempre no claro-escuro da fé – a divindade do Paráclito.

Baseados no modo de conhecer e de querer próprio das criaturas humanas, criadas à imagem e semelhança de Deus, e nos nomes e missões atribuídos ao Espírito Santo na Sagrada Escritura, esses autores explicaram a sua processão do Pai e do Filho como Amor subsistente. Assim como Deus Pai, ao conhecer a sua própria Essência, gera o Filho, assim o Pai e o Filho se amam em um único ato de amor, eterno e infinito, que é o Espírito Santo.

¹³¹ 1 Tm 2, 4.

¹³² Missal Romano, Símbolo niceno-constantinopolitano.

¹³³ Símbolo *Quicumque* ou Atanasiano, 20-22.

¹³⁴ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 254.

Que alegria e que paz nos deve dar a fé de nos sabermos assistidos a todo o momento pelo divino Paráclito! Não só acompanhados por Ele de fora, como um amigo afetuoso, mas como um hóspede que mora, com o Pai e com o Filho, na intimidade da nossa alma em graça. Ele é *descanso no trabalho, refrigério no meio do calor, consolo no pranto*¹³⁵, como reza a Igreja na sequência de Pentecostes. É a *lux beatíssima*, a luz bem-aventurada que penetra até o fundo da alma: ilumina-nos para que conheçamos Cristo melhor, fortalece-nos para segui-LO de perto quando os obstáculos e as contradições parecem assediar-nos, impele-nos a sair de nós mesmos para nos preocuparmos com os outros e levá-los a Deus.

A força e o poder de Deus iluminam a face da terra. O Espírito Santo continua assistindo a Igreja de Cristo, para que seja – sempre e em tudo – o sinal erguido diante das nações para anunciar à humanidade a benevolência e o amor de Deus (cf. Is 11, 12). Por maiores que sejam as nossas limitações, nós, os homens, podemos olhar com confiança para os céus e sentir-nos cheios de alegria: Deus nos ama e nos livra dos nossos pecados. A presença e a ação do Espírito Santo na Igreja são o penhor e a antecipação da felicidade eterna, dessa alegria e dessa paz que Deus nos proporciona¹³⁶.

Entre as metáforas que a Escritura utiliza para falar do Paráclito, uma das mais frequentes é a da água, um elemento absolutamente necessário para a vida natural: onde falta ou escasseia, tudo se converte em deserto, e os seres vivos adoecem ou morrem; manifesta uma das grandes riquezas que o Criador confiou aos homens para que a administrem bem, a serviço de todos. Na ordem sobrenatural, essa fonte de vida é o Paráclito. No seu colóquio com a mulher samaritana e depois na festa dos Tabernáculos, Jesus Cristo prometeu que daria *água viva* àqueles que acolhessem a sua palavra com fé, que poria, em todos aqueles que O buscassem, uma *fonte de água viva* que brotaria incessantemente do seu interior. São João anota que *se referiu com isto ao Espírito que haviam de receber os que cressem nEle*¹³⁷.

O Espírito Santo chega aos cristãos como manancial inesgotável dos tesouros divinos. Recebemo-LO no Batismo e na Confirmação; é-nos conferido no sacramento da Penitência, aplicando novamente às almas os méritos infinitos de Cristo; é enviado às nossas almas e aos nossos corpos todas as vezes que recebemos a Eucaristia e os outros sacramentos; age na nossa consciência por meio das virtudes infusas e dos dons... Em uma palavra, a sua missão consiste em fazer-nos verdadeiros filhos de Deus e em que nos comportemos de acordo com essa dignidade. «Ensina-nos a olhar com os olhos de Cristo, a viver a vida como Cristo a viveu, a compreender a vida como Cristo a compreendeu. Eis por que a água viva que é o Espírito sacia a sede da nossa vida»¹³⁸.

O Paráclito, Senhor e Dador de vida, que falou pelos profetas e ungiu Cristo para que nos comunicasse as palavras de Deus, agora continua a fazer que a sua voz seja ouvida na Igreja e na intimidade das almas. Por isso, ***viver segundo o Espírito Santo é viver de fé,***

¹³⁵ Missal Romano, solenidade de Pentecostes, Sequência.

¹³⁶ São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 128.

¹³⁷ Cf. *Jo* 4, 10-13; 7, 37-39.

¹³⁸ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 08-05-2013.

*de esperança, de caridade: é deixar que Deus tome posse de nós e mude pela raiz os nossos corações, para os moldar à sua medida*¹³⁹. Agradecemos-lhe os cuidados que nos dispensa como um pai e uma mãe bons, porque isso e muito mais é o que Ele faz por cada um de nós. Invocamo-LO frequentemente? Renovamos, todos os dias, a decisão de manter a alma atenta às suas inspirações? Esforçamo-nos por segui-las sem opor resistência?

Para tornar realidade estas aspirações, recomendo-vos que façais vossas umas palavras que São Josemaria escreveu nos primeiros anos da Obra: *Vem, ó Espírito Santo! Ilumina o meu entendimento para conhecer os teus preceitos; fortalece o meu coração contra as insídias do inimigo; inflama a minha vontade... Ouve a tua voz e não quero endurecer-me e resistir, dizendo: depois..., amanhã. Nunc cœpi! Agora!, que não seja que o amanhã me falte.*

*Ó Espírito de verdade e sabedoria, Espírito de entendimento e conselho, Espírito de alegria e paz! Quero o que quiseres, quero porque o queres, quero como o quiseres, quero quando o quiseres...*¹⁴⁰.

Peçamos-lhe com toda a confiança pela Igreja e pelo Papa, pelos bispos e sacerdotes, por todo o povo cristão. De modo especial, roguemos-lhe por esta pequena parte da Igreja que é o Opus Dei, pelos seus fiéis e cooperadores, por todas as pessoas que se aproximam do nosso apostolado movidas pelo nobre desejo de servir a Deus e os outros mais e melhor. E que grande consolo nos é oferecido com a solenidade do Coração de Jesus e com a memória do Coração Imaculado de Maria! Recorramos a estes refúgios de paz, de amor, de alegria, de segurança.

¹³⁹ São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 134.

¹⁴⁰ São Josemaria, Apontamento manuscrito, abril de 1934.

Creio na Igreja una, santa, católica e apostólica

Há dois dias celebramos a solenidade dos santos Apóstolos Pedro e Paulo, colunas da fé, que derramaram o seu sangue por Cristo, em Roma. Nessa cidade, São Pedro fixou a sua sede e coroou a sua vida terrena com o martírio. Assim, a Igreja de Roma converteu-se em *Mãe e cabeça de todas as igrejas da Urbe e do Orbe*. Agradeçamos a Deus por este seu desígnio, com o qual quis firmar os cristãos na doutrina revelada e garantir a unidade de modo visível; e aprendamos a dar a vida, sabendo morrer para o nosso eu todos os dias.

Deus preparou a fundação da Igreja ao longo da história da salvação. Primeiro no Antigo Testamento, escolhendo Israel como o seu povo; depois, na plenitude dos tempos, enviou ao mundo o seu Filho muito amado, que, com a sua encarnação, com a sua pregação, com os seus milagres e chamando os Apóstolos, constituiu os Doze para continuarem a sua missão redentora. «Mas a Igreja nasceu principalmente do dom total de Cristo pela nossa salvação, antecipado na instituição da Eucaristia e realizado na Cruz»¹⁴¹. Depois, «consumada a obra que o Pai encomendou ao Filho para que a realizasse sobre a terra (cf. *Jo* 17, 4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, a fim de santificar a Igreja indefinidamente»¹⁴². Como o nosso Padre queria, maravilhem-nos perante estes dois mistérios e peçamos ao Céu uma fé grande.

A Igreja depende completamente do Verbo encarnado, a quem torna presente no mundo até o fim dos tempos; e é governada pelo Espírito Santo, que habita no seu seio como seu templo. Agradeçamos e admiremos este vínculo profundo da Igreja com a Santíssima Trindade: a Igreja é e nós somos o Povo santo de Deus, o Corpo místico de Jesus Cristo, a morada do Paráclito. Assim, é lógico que, depois de professarmos a fé em Jesus Cristo e na divindade do Espírito Santo, proclamemos, no Símbolo Apostólico, o mistério da Igreja, à qual nos incorporamos pelo Batismo e na qual – como sacramento universal de salvação – se realiza a obra da nossa santificação.

*Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica*¹⁴³. Esta profissão de fé, com a enumeração das quatro notas que qualificam a Igreja intrinsecamente e, ao mesmo tempo, a manifestam exteriormente, é sinal distintivo da doutrina católica. ***Estas são as propriedades essenciais da Igreja, que derivam da sua natureza, tal como Cristo a quis. E, por serem essenciais, são também notas, sinais que a distinguem de qualquer outro tipo de comunidade humana, mesmo que também nelas se ouça pronunciar o nome de Cristo***¹⁴⁴.

Confirmemos em nós mesmos o carácter sobrenatural da Igreja; confessemos-lo aos gritos, se for preciso, porque nestes momentos são muitos aqueles que (...) esqueceram-se destas verdades capitais e pretendem apresentar uma imagem da

¹⁴¹ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 766.

¹⁴² Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium*, n. 4.

¹⁴³ Missal Romano, Símbolo niceno-constantinopolitano.

¹⁴⁴ São Josemaria, Homilia *Lealdade à Igreja*, 4/6/1972.

Igreja que não é Santa, que não é Una, que não pode ser Apostólica porque não se apoia na rocha de Pedro, que não é Católica porque está sulcada por particularismos ilegítimos, por caprichos de homens.¹⁴⁵

Estas considerações fortes e claras de São Josemaria revelam-se – e será sempre assim – muito atuais. Como o Papa Francisco se doía recentemente, «ainda hoje há quem diga: «Cristo sim, a Igreja não». Como aqueles que dizem: «Eu creio em Deus, mas não nos sacerdotes». Mas é a Igreja precisamente que nos leva a Cristo e que nos leva a Deus; a Igreja é a grande família dos filhos de Deus. Certamente também tem aspectos humanos; naqueles que a compõem, pastores e fiéis, existem defeitos, imperfeições, pecados [...], mas, ao percebermos que somos pecadores, é belo encontrarmos a misericórdia de Deus, que nos perdoa sempre»¹⁴⁶, e nos concede o seu perdão por meio da Igreja, que é a depositária da palavra salvadora e dos sacramentos que nos santificam.

Na Santa Igreja os católicos encontramos a nossa fé, as nossas normas de conduta, a nossa oração, o sentido de fraternidade, a comunhão com todos os irmãos que já desapareceram e que estão se purificando no Purgatório – Igreja padecente –, ou com os que já gozam da visão beatífica – Igreja triunfante –, amando eternamente a Deus, três vezes Santo. É a Igreja que permanece aqui e, ao mesmo tempo, transcende a história. A Igreja que nasceu sob o manto de Santa Maria e continua a louvá-la como Mãe na terra e no céu¹⁴⁷.

São Josemaria – que dia a dia amou a Igreja Santa com loucura – ensinou-nos a comportar-nos do mesmo modo. Desde o próprio momento da fundação do Opus Dei, viu claramente que, para dar toda a glória a Deus, para colocar Cristo no cume das atividades humanas, o caminho tinha de ser traçado segundo esta aspiração: ***Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam!*** Temos de chegar, todos juntos, a Jesus por meio de Maria, em unidade de intenções e de desejos com o Romano Pontífice, Vigário de Cristo na terra. E em *Caminho*, deixou escrito para todos os católicos: ***“Et unam, sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam!...”*** – ***Compreendo essa tua pausa quando rezas, saboreando: Creio na Igreja, Una, Santa, Católica e Apostólica...***¹⁴⁸.

A Igreja é uma porque é «um povo reunido com a unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo»¹⁴⁹, e esta unidade configura-se mediante o triplo vínculo da fé, do culto – especialmente pela Eucaristia – e da comunhão hierárquica. Ao mesmo tempo, é católica, está aberta a todos os povos, a todas as raças, a todas as culturas. A abundante variedade de ritos litúrgicos, de tradições teológicas e espirituais, de disciplina, não só não prejudica sequer minimamente essa unidade, como a manifesta. Por isso, «reconhecendo, por um lado, que *fora da estrutura da Igreja de Cristo se encontram muitos elementos de santificação e de verdade, que, como dons próprios da mesma Igreja, fomentam a unidade católica* (cf. *Lumen gentium*, n. 8), e, por outro lado, crendo na ação do Espírito Santo, que suscita o desejo desta unidade

¹⁴⁵ São Josemaria, Homilia *O fim sobrenatural da Igreja*, 28/5/1972.

¹⁴⁶ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 29/5/2013.

¹⁴⁷ São Josemaria, Homilia *O fim sobrenatural da Igreja*, 28/5/1972.

¹⁴⁸ São Josemaria, *Caminho*, n. 517.

¹⁴⁹ São Cipriano, *A oração dominical*, 23 (PL 4, 553).

em todos os discípulos de Cristo»¹⁵⁰, é preciso afirmar que a salvação é comunicada aos homens por meio da Igreja. «Cremos que a Igreja é necessária para a salvação. Porque só Cristo é o Mediador e o caminho da salvação que, no seu Corpo, que é a Igreja, se torna presente para nós (cf. *Lumen gentium*, n. 14). Mas o propósito divino de salvação abarca todos os homens»¹⁵¹.

Percebeis como é formosa a nossa fé católica? Como dizia o nosso Padre, dá solução a todas as ânsias do coração humano ao ensinar que a Santa Vontade de Deus é de *que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da Verdade*¹⁵². Para isso, oferece aos seus fiéis os meios de salvação. E também por isso, o fervor apostólico, o desejo de anunciar o conhecimento e o amor de Cristo a todas as pessoas, é conatural à vocação cristã. Nada pode dispensar-nos de sentir esta responsabilidade, e temos de pensar: Como me afeta? Em que medida a peço para toda a humanidade?

É verdade que «aqueles que, ignorando sem culpa o Evangelho de Cristo e a sua Igreja, não obstante buscam a Deus com um coração sincero e se esforçam, sob o influxo da graça, por cumprir com obras a sua vontade, conhecida por meio do juízo da consciência, podem conseguir a salvação eterna»¹⁵³. No entanto, o Senhor quer contar com a nossa cooperação na tarefa evangelizadora: cada qual no seu próprio ambiente, tem de esforçar-se cotidianamente por dar a conhecer esta mensagem salvadora e colaborar na aplicação da obra redentora. Porque, como sublinha São Josemaria, não podemos esquecer-nos de ***não devemos esquecer que a consciência pode-se deformar de modo culpável, endurecer-se no pecado e resistir à ação salvadora de Deus. Daí a necessidade de pregar a doutrina de Cristo, as verdades de fé e as normas morais; e daí também a necessidade dos Sacramentos, todos instituídos por Jesus Cristo como causas instrumentais da Sua graça e remédio para as misérias resultantes do nosso estado de natureza caída***¹⁵⁴.

«Assim, pois, a Igreja ora e trabalha para que a totalidade do mundo se integre no Povo de Deus, Corpo do Senhor e templo do Espírito Santo, e para que em Cristo, Cabeça de todos, se preste toda a honra e glória ao Criador universal e Pai»¹⁵⁵

Coube-nos viver numa época em que a necessidade de trabalharmos na edificação da Igreja se mostra mais imperiosa. Não desanimemos nem demos lugar ao menor pessimismo perante o clima de relativismo e de indiferença – mais ainda, de rejeição de Deus – que se estende como uma mancha de óleo por tantos lugares. Nós, que desejamos tomar a nossa fé a sério, temos de multiplicar, com alegria, os esforços por aproximar as almas de Deus, da Igreja. Não penseis que é uma tarefa de titãs: apenas temos de fazer aquilo que está nas nossas mãos, bem decididos a dirigir completamente a nossa existência para Deus. O Paráclito sempre age nos corações, suscitando em cada um – talvez nos momentos mais impensados – uma sede ardente de eternidade, de vida sobrenatural. E nós

¹⁵⁰ Paulo VI, Símbolo de fé (*Credo do Povo de Deus*), 30/6/1967, n. 22.

¹⁵¹ *Ibid.*, n. 23.

¹⁵² 1 *Tim*, 2, 4.

¹⁵³ Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium*, n. 16.

¹⁵⁴ São Josemaria, Homília O fim sobrenatural da Igreja, 28/5/1972. Cf. São Tomás de Aquino, S. Th., q. 62, a. 1 e q. 61, a. 2.

¹⁵⁵ Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium*, n. 17.

– cada uma e cada um de nós – temos de mostrar-nos disponíveis para secundar as suas moções. «Ser Igreja, ser povo de Deus segundo o grande desígnio de amor do Pai, quer dizer ser o fermento de Deus nesta nossa humanidade, quer dizer anunciar e levar a salvação de Deus a este nosso mundo, que frequentemente está desorientado, necessitado de ter respostas que alentem, que doem esperança e novo vigor no caminho»¹⁵⁶.

Insisto: enchamo-nos de confiança, sem dar margem ao desalento. A nossa época apresenta-se-nos transbordante de possibilidades maravilhosas para aprendermos e propagarmos o bem. Diariamente, são-nos proporcionadas ocasiões de demonstrarmos o nosso carinho ao Senhor falando dEle àqueles que encontramos no nosso caminho. Redobremos a nossa confiança nEle. «Deus é mais forte!», exclama o Santo Padre. «E sabeis por que é mais forte? Porque Ele é o Senhor, o único Senhor. E eu desejaria acrescentar que a realidade por vezes sombria, marcada pelo mal, pode mudar se nós, em primeiro lugar, levarmos a ela a luz do Evangelho, sobretudo com a nossa vida. Se num estádio [...], numa noite escura, uma pessoa acende uma luz, mal se vislumbra; mas se cada um dos mais de setenta mil espectadores acende a sua própria luz, o estádio ilumina-se. Façamos com que a nossa vida seja uma luz de Cristo; juntos levaremos a luz do Evangelho a toda a realidade»¹⁵⁷.

Façamo-nos eco destas palavras do Romano Pontífice, esforçando-nos diariamente para que no nosso trabalho, na nossa convivência familiar, nas relações sociais, nas atividades esportivas, em todo o momento!, brilhe a luz dos seguidores de Jesus Cristo, alimentada pela oração e pela recepção frequente dos sacramentos da Confissão e da Eucaristia.

¹⁵⁶ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 12/6/2013.

¹⁵⁷ Ibid.

Creio na Igreja, que é santa, e na Comunhão dos santos

E agora detenho-me em outra das notas características da Igreja: a santidade. Para ajudar-nos a regozijar-nos com esta realidade, Bento XVI assinalava que ao longo deste ano «será decisivo voltarmos a percorrer a história da nossa fé, que contempla o mistério insondável do entrelaçamento da santidade com o pecado»¹⁵⁸. A reflexão sobre a santidade da Igreja – manifestada na sua doutrina, nas suas instituições, em tantos filhos e filhas seus ao longo da história – mover-nos-á a uma profunda ação de graças ao Deus três vezes Santo, fonte de toda a santidade, a saber que estamos inseridos na manifestação de amor da Trindade por nós. Como recorremos a cada Pessoa divina? Sentimos a necessidade de amá-las diferenciando-as?

Ao expor a natureza da Igreja, o Concílio Vaticano II destacou três aspectos nos quais o seu mistério se exprime com maior propriedade: o Povo de Deus, o Corpo místico de Cristo, o Templo do Espírito Santo; e o *Catecismo da Igreja Católica* desenvolve-os amplamente¹⁵⁹. Em um deles reverbera a nota da santidade, que, como as outras notas, distingue a Igreja de qualquer agrupamento humano.

A denominação *Povo de Deus* remete ao Antigo Testamento. Javé escolheu Israel como o seu povo peculiar, como anúncio e antecipação do Povo de Deus definitivo que Jesus Cristo ia estabelecer por meio do sacrifício da Cruz. *Vós sois uma raça escolhida, um sacerdócio régio, uma nação santa, um povo adquirido para Deus, a fim de que publiqueis as virtudes daquele que das trevas vos chamou à sua luz maravilhosa*¹⁶⁰. ***Gens Sancta, povo santo, composto por criaturas com misérias. Esta aparente contradição marca um aspecto do mistério da Igreja. A Igreja, que é divina, é também humana, porque está formada por homens e nós, os homens, temos defeitos: omnes homines terra et cinis (Eccl 17, 31), todos somos pó e cinza***¹⁶¹.

Esta realidade tem de mover-nos à contrição, à dor de amor, à reparação, mas nunca ao desalento ou ao pessimismo. Não esqueçamos que o próprio Jesus comparou a Igreja a um campo em que crescem juntos o trigo e o joio; a uma rede de arrasto que apanha peixes bons e peixes maus e que, os quais, só no final dos tempos serão separados definitivamente uns dos outros¹⁶². Ao mesmo tempo, consideremos que já agora, na terra, o bem é maior que o mal, a graça é mais forte que o pecado, embora às vezes a sua ação seja menos visível. ***Mas acontece que a santidade pessoal de tantos fiéis – dantes e de agora – não é uma coisa aparatosa. É frequente que não a descubramos nas pessoas normais, correntes e santas, que trabalham e convivem no meio de nós. Para um olhar terreno, o pecado e as faltas de fidelidade ressaltam mais; chamam mais a***

¹⁵⁸ Bento XVI, Carta apost. *Porta fidei*, 11-10-2011, n. 13.

¹⁵⁹ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 781-810.

¹⁶⁰ 1 Pe 2, 9.

¹⁶¹ São Josemaria, Homilia *Lealdade à Igreja*, 4-6-1972.

¹⁶² Cf. Mt 13, 24-30; 47-50.

atenção¹⁶³. O Senhor quer que nós, suas filhas e seus filhos no Opus Dei, e muitos outros cristãos, recordemos a todos os homens e mulheres que receberam **essa vocação para a santidade e hão de esforçar-se por corresponder à graça e ser pessoalmente santos**¹⁶⁴.

A Igreja é o *Corpo místico de Cristo*. «Durante o decurso dos tempos, o Senhor Jesus forma a sua Igreja por meio dos sacramentos, que emanam da sua plenitude. Através destes meios, a Igreja faz os seus membros participarem do mistério da morte e ressurreição de Jesus Cristo pela graça do Espírito Santo, que a vivifica e a move»¹⁶⁵.

A Igreja «é, assim, santa, embora abarque no seu seio pecadores, porque não goza de mais vida que a da graça; certamente, os seus membros alimentam-se desta vida, santificam-se; se se afastam, contraem pecados e manchas da alma que impedem que a santidade da Igreja se difunda radiante [...]. A Igreja aflige-se e faz penitência por aqueles pecados, e tem o poder de livrar deles por meio do sangue de Cristo e do dom do Espírito Santo»¹⁶⁶.

«Antes de mais nada, o corpo remete-nos a uma realidade viva. A Igreja não é uma associação assistencial, cultural ou política, mas é um corpo vivente, que caminha e age na história. E este corpo tem uma cabeça, Jesus, que o guia, o nutre e o sustenta [...]. Da mesma forma que num corpo é importante que circule a linfa vital para que viva, assim devemos permitir que Jesus aja em nós, que a sua Palavra nos guie, que a sua presença eucarística nos nutra, nos anime; que o seu amor dê força ao nosso amor ao próximo. E isto sempre! Sempre, sempre! Caros irmãos e irmãs – insistia o Santo Padre –, permaneçamos unidos a Jesus, fixemo-nos nEle, orientemos a nossa vida de acordo com o seu Evangelho, alimentemo-nos com a oração diária, com a escuta da Palavra de Deus, com a participação nos sacramentos»¹⁶⁷.

É evidente que o corpo humano se compõe de uma diversidade de órgãos e de membros, cada um com a sua função própria sob o governo da cabeça, para o bem de todo o organismo. Por isso, na Igreja, por vontade de Deus, «existe uma variedade, uma diversidade de tarefas e de funções; não existe a uniformidade plana, mas a riqueza dos dons que o Espírito Santo distribui. Mas existe a comunhão e a unidade: todos estão em relação uns com os outros e todos concorrem para formar um único corpo vital, profundamente unido a Cristo»¹⁶⁸. Esta união com Cristo, Cabeça invisível da Igreja, tem de manifestar-se necessariamente na forte união com a Cabeça visível, o Romano Pontífice, e com os Bispos em comunhão com a Sé Apostólica. Como fez São Josemaria, rezemos todos os dias pela unidade de todos na Igreja santa.

Desde há muito tempo, se diz que, no seio do Corpo místico de Cristo, o Paráclito cumpre a função da alma no corpo humano: dá-lhe vida, conserva-o na unidade, torna

¹⁶³ São Josemaria, Homilia *Lealdade à Igreja*, 4-6-1972.

¹⁶⁴ *Ibid.*

¹⁶⁵ Paulo VI, Solene profissão de fé (*Credo do Povo de Deus*), 30-6-1968, n. 19.

¹⁶⁶ *Ibid.*

¹⁶⁷ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 19-6-2013.

¹⁶⁸ *Ibid.*

possível o seu desenvolvimento até alcançar a perfeição que Deus Pai lhe atribuiu. «A Igreja não é um entrançado de coisas e de interesses, mas é o Templo do Espírito Santo, o Templo em que Deus age, o Templo em que cada um de nós, com o dom do Batismo, é pedra viva. Isto diz-nos que ninguém é inútil na Igreja [...]. Ninguém é secundário»¹⁶⁹.

Como membros do mesmo Corpo místico, nós, cristãos, podemos e devemos ajudarnos uns aos outros a atingir a santidade, por meio da Comunhão dos santos, que confessamos no Símbolo apostólico. Além de exprimir a que todos os fiéis participam das *magnalia Dei*, das riquezas de Deus (a fé, os sacramentos, os diversos dons espirituais), «a expressão “Comunhão dos santos” também designa a comunhão entre as pessoas santas (*sancti*), isto é, entre aqueles que, pela graça, estão unidos a Cristo morto e ressuscitado»¹⁷⁰: os santos do Paraíso, as almas que se purificam no Purgatório, aqueles que, ainda na terra, travam as batalhas da luta interior. Formamos uma só família, a família dos filhos de Deus, para louvor da Santíssima Trindade: com que inteireza cuidamos dela?

São Josemaria cumulava-se de consolo ao meditar esta verdade de fé, que faz com que nenhum batizado possa sentir-se só: nem na sua luta espiritual, nem nas suas dificuldades materiais. Vemos esta segurança em *Caminho*: **Comunhão dos Santos. – Como dizer-te? – Sabes o que são as transfusões de sangue para o corpo? Pois assim vem a ser a Comunhão dos Santos para a alma**¹⁷¹. Pouco depois, acrescentou: **Terás mais facilidade em cumprir o teu dever, se pensares na ajuda que te prestam os teus irmãos e na que deixas de prestar-lhes se não és fiel**¹⁷².

Filhas e filhos meus, enchamo-nos sempre de muito ânimo. Ainda que possamos sofrer um tropeço, ainda que por vezes nos sintamos fracos e sem forças na luta espiritual, sempre é possível, com a graça de Deus, retomarmos o caminho rumo à santidade. Estamos rodeados de uma multidão de santos, de pessoas fiéis ao Senhor que começam e recomeçam constantemente na sua vida interior.

Por outro lado, basta-nos erguer os olhos para o Céu. E a esta certeza também nos convida a grande solenidade que celebraremos no dia 15: a Assunção da Santíssima Virgem. Firmados na intercessão de Jesus Cristo, que roga a Deus Pai constantemente por todos nós¹⁷³, como é grande o consolo, como é pleno o amparo que a contemplação da nossa Mãe nos traz, sempre empenhada na salvação dos cristãos e de todos os homens! Na Santíssima Virgem, a Igreja já chegou à perfeição, em virtude da qual não tem mancha nem ruga¹⁷⁴. Nós, todos os fiéis, ainda nos esforçamos por vencer nesta nobre tarefa da santidade, afastando-nos inteiramente do pecado; e por isso levantamos os olhos para Maria, que resplandece como modelo de virtudes para toda a comunidade dos eleitos¹⁷⁵. Assim, recorramos a Ela em todas as vicissitudes da Igreja e nas pessoais de cada um de nós. **Mãe! – Chama-a bem alto, bem alto. – Ela, tua Mãe Santa Maria, te escuta, te**

¹⁶⁹ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 26-6-2013.

¹⁷⁰ *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, n. 195.

¹⁷¹ São Josemaria, *Caminho*, n. 544.

¹⁷² *Ibid.*, n. 549.

¹⁷³ Cf. *Heb* 7, 25.

¹⁷⁴ Cf. *Ef* 5, 27.

¹⁷⁵ Cf. Concílio Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium*, n. 65.

vê em perigo talvez, e te oferece, com a graça de seu Filho, o consolo de seu regaço, a ternura de suas carícias. E te encontrarás reconfortado para a nova luta¹⁷⁶.

¹⁷⁶ São Josemaria, *Caminho*, n. 516.

Creio na Igreja, que é apostólica

Nestes últimos meses, viemos considerando a formosura da Igreja, refletindo sobre as notas que a distinguem e que professamos no Credo. Por meio do Batismo, fomos introduzidos no redil de Cristo e desde então somos ovelhas do seu rebanho. O Bom Pastor continua a cuidar de cada uma e de cada um de nós, especialmente com a graça que nos infunde através dos outros sacramentos: de modo especial na Eucaristia, que nos identifica progressivamente com Cristo e nos converte em membros ativos do seu Corpo místico, em pedras vivas do Templo espiritual animado pelo Paráclito; e também na Penitência, com a qual o Senhor nos perdoa os pecados e nos concede forças renovadas para vencermos na luta espiritual.

Alegra-me considerar isto nestes dias que antecedem a festa da Natividade de Nossa Senhora, que se celebrará no próximo dia 8, porque, em Maria, vemos plenamente realizado o ideal a que todos fomos convocados. Com efeito, desde a sua Imaculada Conceição, a Virgem – imune de todo o pecado e cheia de graça – é a Filha predileta de Deus Pai, o Templo vivo do Espírito Santo, predestinada a ser a Mãe do Verbo encarnado. Preparemos esta festa com carinho filial, felicitando Nossa Senhora e dando-lhe – como bons filhos seus que desejamos ser – o presente do nosso amor filial e da nossa fidelidade indiscutida ao seu Filho Jesus. Procuremos caminhar muito pegados a Ela durante as outras memórias marianas do mês que agora começa, e sempre.

Gostaria ao mesmo tempo que fixássemos a nossa atenção nas festas que se celebram nos meados deste mês: a Exaltação da Santa Cruz, no dia 14, e, no dia seguinte, a memória litúrgica de Nossa Senhora das Dores, ao pé da Cruz, dia em que se comemora também o aniversário da eleição do queridíssimo D. Álvaro, primeiro sucessor do nosso Padre à frente do Opus Dei.

São datas intimamente relacionadas com a Igreja, que recebe a sua força salvífica do lado aberto de Cristo na Cruz, com a colaboração da sua Mãe, a *nova Eva*, aquela que, por desígnio divino, cooperou com Cristo, o *novo Adão*, na redenção da humanidade. Foi por esta razão que, ao término de uma das sessões do Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI proclamou a Virgem Maria *Mãe da Igreja*, «isto é, Mãe de todo o Povo de Deus, tanto dos fiéis como dos pastores que a chamam Mãe amorosa, e queremos que de agora em diante seja honrada e invocada por todo o povo cristão com este título gratíssimo»¹⁷⁷. É difícil descrever o júbilo do nosso Padre quando invocava Nossa Senhora com esse título, que, já em épocas anteriores, repetia na sua devoção privada.

Em Maria, brilham com máximo esplendor todas as características essenciais da Igreja: a unidade estreitíssima com Deus e com os homens, a exímia santidade, a catolicidade que torna o seu Coração aberto a todas as necessidades dos seus filhos, e também a apostolicidade. Para estas semanas, enche-me de contentamento recordar-vos

¹⁷⁷ Paulo VI, Discurso no encerramento da terceira etapa conciliar, 21-11-1964, n. 25.

esta última nota, com a qual confessamos que a Igreja «está construída sobre alicerces firmes: os doze Apóstolos do Cordeiro (cf. *Ap* 21, 14); é indestrutível (cf. *Mt* 16, 18) e mantém-se infalivelmente na verdade: Cristo governa-a por meio de Pedro e dos demais Apóstolos, presentes nos seus sucessores, o Papa e o Colégio dos Bispos»¹⁷⁸.

Em Nossa Senhora, reluz este aspecto da Igreja. Com efeito, foi Ela que em Caná da Galileia facilitou que os primeiros discípulos do Mestre tivessem fé nEle, preparando-os para a chamada ao apostolado que receberiam mais tarde¹⁷⁹. E, da Cruz, Jesus dirigiu-se à sua Mãe, encarregando-a de cuidar do apóstolo amado e, nele, de todos os discípulos¹⁸⁰. Fiel a esse encargo, Santa Maria manteve os Apóstolos unidos na espera do Pentecostes¹⁸¹. É comovente ver com que dedicação acompanhou os primeiros passos de todos eles na primeira evangelização, após a vinda do Paráclito, como relatam alguns testemunhos da Igreja antiga. «A Virgem não só animava os Santos Apóstolos e os outros fiéis a ser pacientes e a suportar as provas, como era solidária com todas as suas fadigas, sustinha-os na pregação, estava em união espiritual com os discípulos do Senhor nas suas privações e suplícios, nas suas prisões»¹⁸². Agora, do Céu, e com eficácia ainda maior, continua a impulsionar o apostolado da Igreja no mundo inteiro: fortalece os Pastores e os fiéis para que cada qual, conforme os dons e graças recebidos, dê testemunho de Jesus Cristo e leve o seu nome, como São Paulo, *aos gentios, aos reis e aos filhos de Israel*¹⁸³, ao ambiente em que foram colocados pela sua vocação humana e divina.

O *Catecismo da Igreja Católica* ensina que «toda a Igreja é apostólica na medida em que, através dos sucessores de São Pedro e dos Apóstolos, permanece em comunhão de fé e de vida com a sua origem. Toda a Igreja é apostólica na medida em que é “enviada” ao mundo inteiro; todos os membros da Igreja, ainda que de formas diversas, participam desta missão»¹⁸⁴. Assim, ninguém deve pensar que o encargo recebido pelos Doze antes da Ascensão de Jesus Cristo ao Céu é algo que diga respeito apenas aos ministros sagrados. ***Na Igreja, há diversidade de ministérios, mas um só é o fim: a santificação dos homens. E desta tarefa participam de algum modo todos os cristãos, pelo caráter recebido com os Sacramentos do Batismo e da Confirmação. Todos devemos sentir-nos responsáveis por essa missão da Igreja, que é a missão de Cristo. Quem não tiver zelo pela salvação das almas, quem não procurar com todas as suas forças que o nome e a doutrina de Cristo sejam conhecidos e amados, não compreenderá a apostolicidade da Igreja***¹⁸⁵.

Nestes seus primeiros meses de Pastor universal, o Papa Francisco não se cansa de recordar a todos os cristãos este gozoso encargo. De um modo ou de outro, convida-nos a perguntar-nos: «Como vivemos o nosso ser Igreja? Somos pedras vivas ou antes, por assim

¹⁷⁸ Catecismo da Igreja Católica, n. 869.

¹⁷⁹ Cf. *Jo* 2, 11; *Mc* 3, 13-15.

¹⁸⁰ Cf. *Jo* 19, 26-27.

¹⁸¹ Cf. *At* 1, 12-14.

¹⁸² São Máximo o Confessor, Vida de Maria, VIII, 97 (“Testi mariani del primo millennio”, vol. 2, Roma, 1989, p. 260).

¹⁸³ *At* 9,15

¹⁸⁴ Catecismo da Igreja Católica, n. 863.

¹⁸⁵ São Josemaria, Homilia Lealdade à Igreja, 4-6-1972.

dizer, pedras cansadas, entediadas, indiferentes? Percebeis como é feio ver um cristão cansado, entediado, indiferente? Um cristão assim não funciona; o cristão deve ser vivo, estar alegre por ser cristão; deve viver esta maravilha de fazer parte do Povo de Deus que é a Igreja. Será que nos abrimos à ação do Espírito Santo [...] ou nos fechamos em nós mesmos, dizendo: “Tenho muito que fazer, não é tarefa minha”?»¹⁸⁶. E recentemente, ao encerrar a Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, lançou o mesmo chamamento, com especial insistência aos jovens, quando resumia a sua mensagem em três palavras: «Ide, sem medo, para servir.» E explicava: «Mas atenção! Jesus não disse: se quiserdes, se tiverdes tempo, ide; mas disse: “Ide e fazei discípulos todos os povos”. Compartilhar a experiência da fé, dar testemunho da fé, anunciar o Evangelho é o mandato que o Senhor confia a toda a Igreja e também a ti; é um mandato que não nasce da vontade de domínio, da vontade de poder, mas da força do amor, do fato de Jesus ter vindo a nós antes e (...) de se ter dado totalmente a nós, de nos ter dado a sua vida para nos salvar»¹⁸⁷.

Um cristão tímido, um cristão passivo, *não é capaz de entender o que Cristo quer de todos nós. Um cristão que cuide apenas das suas coisas e se despreocupe da salvação dos outros, não ama com o Coração de Jesus. O apostolado não é missão exclusiva da Hierarquia, nem dos sacerdotes ou dos religiosos. A todos nos chama o Senhor para sermos instrumentos, com o exemplo e com a palavra, dessa torrente de graça que salta até à vida eterna.*¹⁸⁸. São Josemaria assim o ensinou desde os primeiros momentos da fundação do Opus Dei, como parte importantíssima da missão eclesial que recebeu de Deus. A sua mensagem, válida para todos, dirigia-se mais especificamente aos cristãos correntes, às mulheres e aos homens que, por vocação divina, se movem no meio das realidades terrenas e procuram convertê-las em meios para a expansão do Reino de Deus. *Lembra-te, meu filho* – escreveu já na década de 1930 –, *de que não és somente uma alma que se une a outras almas para fazer uma coisa boa. – Isso é muito..., mas é pouco. – És o Apóstolo que cumpre um mandato imperativo de Cristo*¹⁸⁹.

São duas as principais condições que se requerem para que a participação dos fiéis na missão apostólica da Igreja tenha fruto: docilidade às moções do Paráclito e estreita união com o Papa e com os Bispos em comunhão com a Sé Apostólica. As duas são imprescindíveis.

Como já sublinhava Paulo VI, o Espírito Santo é «o agente principal da evangelização»¹⁹⁰, o impulsionador do apostolado na nossa vida pessoal e na de todos na Igreja. Evangelizar é «o destino e a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda. A Igreja existe para evangelizar»¹⁹¹. E o mesmo se passa com cada cristão: existimos para ir para o Céu levando conosco muitas outras pessoas. Temos de recorrer ao

¹⁸⁶ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 26-6-2013.

¹⁸⁷ Papa Francisco, Homilia na Missa de encerramento da Jornada Mundial da Juventude, Rio de Janeiro, 28-7-2013.

¹⁸⁸ São Josemaria, Homilia Lealdade à Igreja, 4-6-1972.

¹⁸⁹ São Josemaria, Caminho, n. 942.

¹⁹⁰ Paulo VI, Exort. apost. Evangelii nuntiandi, 8-12-1975, n. 75.

¹⁹¹ *Ibid.* n. 14.

Paráclito pedindo-lhe luzes e forças para levarmos adiante a tarefa da *nova evangelização*, que foi encomendada a todos nós. «Para evangelizarmos, é preciso que nos abramos uma vez mais ao horizonte do Espírito de Deus, sem ter medo do que nos peça e do lugar para onde nos guie. Recorramos a Ele! Ele far-nos-á capazes de viver e testemunhar a nossa fé, e iluminará o coração daqueles que encontrarmos»¹⁹².

Que alegria tão grande é propagar o conhecimento e o amor a Jesus! Não afrouxemos o passo ante as possíveis dificuldades; pelo contrário, como os primeiros cristãos, abrigados sob o manto de Maria, empenhemo-nos mais e mais em ser alto-falantes do Paráclito onde quer que estejamos: com o nosso comportamento corajosamente cristão, com a nossa palavra oportuna, dita ao ouvido daquela pessoa que vacila, com a caridade com a qual sempre temos de tratar a todos.

A segunda condição é a união com o Papa e com os Bispos. União de intenções e de orações. Sempre vos insisto nisto, porque somente com Pedro e sob Pedro, em unidade com o Colégio episcopal, serviremos a Igreja com eficácia. ***Contribuímos para tornar mais evidente essa apostolicidade, aos olhos de todos, manifestando com delicada fidelidade a união com o Papa, que é união com Pedro. O amor ao Romano Pontífice*** – escreveu o nosso Padre – ***há de ser em nós uma formosa paixão, porque nele vemos Cristo. Se cultivarmos a intimidade com o Senhor na oração, caminharemos com um olhar desanuviado que nos permitirá distinguir – mesmo nos acontecimentos que às vezes não compreendemos ou que nos causam pranto e dor – a ação do Espírito Santo***¹⁹³.

Alcançaremos a fortaleza necessária para devolver sem receio nem complexos o mundo a Cristo, se amarmos particularmente o Senhor na Cruz. A festa da Exaltação, festa da Cruz gloriosa, indica-nos precisamente isto: o caminho da glória passa pela aceitação voluntária e alegre das contrariedades, físicas e morais, que o Senhor permita na nossa vida: ***Per crucem ad lucem***, rezava o nosso Padre: à luz pela cruz. Com a presença constante de Maria ao nosso lado, a Cruz enche-se de alegria; no madeiro, florescem rosas – como na cruz de madeira dos nossos oratórios –, embora, às vezes, não falem os espinhos. Mas, apesar de valermos tão pouco, ressalta de modo maravilhoso a alegria de colaborarmos com Jesus na salvação das almas!

¹⁹² Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 22-5-2013.

¹⁹³ São Josemaria, Homilia Lealdade à Igreja, 4-6-1972.

Professo um só batismo para a remissão dos pecados.

Durante os últimos meses, temos refletido no mistério da Igreja una, santa, católica e apostólica. Mas, além disso, a Igreja é nossa Mãe: *a Santa Madre Igreja*, uma vez que, no seu seio, o Espírito Santo gerou-nos para a nova existência dos filhos de Deus. Como boa Mãe amorosa, a própria Igreja cuida dos seus filhos constantemente, *até que todos nós cheguemos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, até atingirmos o estado de homem perfeito, à medida da plenitude de Cristo*¹⁹⁴.

No entanto – e é uma dor que nos pesa –, alguns – também entre os católicos – falam da Igreja com ligeireza, e até mesmo acusam-na das culpas e defeitos que nós, os seus filhos, manifestamos na nossa conduta, pois, apesar da dignidade que recebemos, continuamos a ser pobres mulheres e pobres homens inclinados ao pecado. O enfoque dos Santos Padres e o dos milhões de almas santas que a Igreja conduziu para o Céu era muito diferente. Santo Agostinho, por exemplo, exortava: «Amemos o Senhor, o nosso Deus; amemos a sua Igreja. A Ele como Pai, a Ela como mãe»¹⁹⁵. E São Cipriano, dois séculos antes, proclamava categoricamente: «Não pode ter a Deus como Pai quem não tiver a Igreja como mãe»¹⁹⁶.

Recentemente, o Papa Francisco expôs esta verdade da nossa fé novamente. «A fé é um presente, é um dom de Deus que nos é dado na Igreja e por meio da Igreja. E a Igreja dá-nos a vida de fé no Batismo: este é momento em que nos faz nascer como filhos de Deus»¹⁹⁷. A data em que fomos regenerados nas águas batismais, no nome e pela virtude da Santíssima Trindade, é um dia muito importante na nossa existência terrena. Perguntemo-nos com o Santo Padre: «Como vejo eu a Igreja? Se estou agradecido aos meus pais por me terem dado a vida, estou agradecido à Igreja por me ter gerado na fé por meio do Batismo?»¹⁹⁸. No Opus Dei, graças a Deus e aos cuidados de São Josemaria, mantemos uma consciência viva desta realidade, que nos cumula de gratidão. Porque a Obra – assim Paulo VI recalcou numa carta manuscrita dirigida ao nosso Padre, num dia como o de hoje – nasceu neste nosso tempo «como expressão pujante da perene juventude da Igreja»¹⁹⁹. Em união com o nosso santo Fundador e com tantos fiéis da Obra que já chegaram à Pátria celestial, clamamos: ***Que alegria poder dizer com todas as forças da minha alma: – Amo a minha Mãe, a santa Igreja!***²⁰⁰.

Prosseguindo as nossas reflexões sobre o Credo, em continuidade com o que vos acabo de escrever, detemo-nos hoje no seguinte artigo da fé: *Professo um só batismo para a*

¹⁹⁴ Ef 4, 13.

¹⁹⁵ Santo Agostinho, *Comentário aos Salmos*, 88, 2, 14 (PL 37, 1140).

¹⁹⁶ São Cipriano, *Sobre a unidade da Igreja Católica*, 6 (PL 4, 519).

¹⁹⁷ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 11-9-2013.

¹⁹⁸ *Ibid.*

¹⁹⁹ Paulo VI, *Autógrafo a São Josemaria*, 1º-10-1964.

²⁰⁰ São Josemaria, *Caminho*, n. 518.

*remissão dos pecados*²⁰¹. O motivo pelo qual nos é proposto este artigo ao final do Credo não é indiferente. «O Símbolo dos Apóstolos correlaciona a fé no perdão dos pecados com a fé no Espírito Santo, mas também com a fé na Igreja e na Comunhão dos santos. Ao dar o Espírito Santo aos seus Apóstolos, Cristo ressuscitado conferiu-lhes o seu próprio poder divino de perdoar os pecados: “Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos” (Jo 20, 22-23)»²⁰².

A Igreja custodia, na sua plenitude, os meios de santificação instituídos por Jesus Cristo. As palavras e as ações de Nosso Senhor durante a sua vida terrena estavam repletas de conteúdo salvífico, e não nos surpreende – mais ainda, parece-nos lógico – que as multidões se aproximassem de Jesus com o desejo de ouvi-LO e de tocá-LO, *porque sabia dEle uma força que curava todos*²⁰³. Essas palavras e essas ações anunciavam e antecipavam a eficácia do seu mistério pascal, com o qual venceria o demônio, o pecado e a morte definitivamente, e preparavam aquilo que Ele transmitiria à Igreja quando tudo chegasse ao seu cumprimento. «Os mistérios da vida de Cristo são os fundamentos daquilo que agora, através dos ministros da sua Igreja, Cristo dispensa nos sacramentos, pois “aquilo que era visível no nosso Salvador passou para os seus mistérios”»²⁰⁴.

Os sacramentos conferem a graça que significam. ***Que são os sacramentos –*** escrevia o nosso Padre, em 1967 – ***senão pegadas da encarnação do Verbo divino, clara manifestação do modo que Deus – só Ele podia fazê-lo – escolheu e determinou para santificar-nos e levar-nos ao Céu, instrumentos sensíveis dos quais o Senhor se serve para conferir-nos realmente a graça segundo a significação própria de cada um?***²⁰⁵.

Que agradecidos temos de estar à nossa Santa Madre Igreja por conservar-nos e oferecer-nos este tesouro com plena fidelidade a Jesus Cristo! E como temos de protegê-lo e defendê-lo em toda a sua integridade! Particularmente, damos graças pelo Batismo, que nos introduziu na grande família dos filhos de Deus. Recebê-lo quanto antes adquire uma importância capital, porque este sacramento – ou o seu desejo, ao menos implícito – é necessário para alcançarmos a salvação: *Quem não renascer da água e do Espírito não poderá entrar no Reino de Deus*²⁰⁶, anunciou Jesus a Nicodemos. Certamente, como expõe a doutrina da Igreja, o Espírito Santo também pode agir, e age efetivamente, fora dos confins visíveis da Igreja. Mas o próprio Deus estabeleceu que o modo ordinário de participarmos da morte e ressurreição de Cristo, pela qual fomos salvos, é fruto da nossa incorporação à Igreja por meio do Batismo; e, conseqüentemente, «a prática de batizar as crianças é uma tradição imemorial da Igreja»²⁰⁷. Também lemos no *Catecismo da Igreja Católica*: «A gratuidade pura da graça da salvação é particularmente manifesta no Batismo das crianças. A Igreja e os pais

²⁰¹ Missal Romano, Credo niceno-constantinopolitano.

²⁰² *Catecismo da Igreja Católica*, n. 976.

²⁰³ Lc 6, 19.

²⁰⁴ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1115. Cf. São Leão Magno, *Sermão* 74, 2 (PL 54, 398).

²⁰⁵ São Josemaria, Carta de 19-3-1967, n. 74.

²⁰⁶ Jo 3, 5.

²⁰⁷ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1252.

privariam a criança da graça inestimável de tornar-se filho de Deus se não lhe conferissem o Batismo pouco depois do nascimento»²⁰⁸. E conclui: «Os pais cristãos hão de reconhecer que esta prática corresponde também à sua função de alimentar a vida que Deus lhes confiou»²⁰⁹.

O Batismo não só perdoa os pecados e infunde a primeira graça, mas é a porta de entrada dos outros sacramentos e assim torna possível que os cristãos se configurem sempre mais com Jesus Cristo, até chegarem a identificar-se com Ele. Em todos os batizados, crianças e adultos, a fé, a esperança e a caridade têm de crescer depois do Batismo; e isto leva-se a cabo na Igreja, que é depositária – como já assinalei – dos meios de salvação. Assim se exprimia o Papa numa das suas catequese do mês passado. «Uma mãe – dizia – não se limita a dar a vida, mas, com grande cuidado, ajuda os seus filhos a crescer, dá-lhes leite, alimenta-os, ensina-lhes o caminho da vida, acompanha-os sempre com as suas atenções, com o seu afeto, com o seu amor, mesmo depois que crescem. E enquanto isso também sabe corrigi-los, perdoá-los, compreendê-los; sabe estar perto deles na doença, no sofrimento...»²¹⁰. A Igreja comporta-se do mesmo modo com os filhos que gerou por meio do Batismo: «Acompanha o nosso crescimento transmitindo-nos a Palavra de Deus [...] e administrando-nos os sacramentos. Alimenta-nos com a Eucaristia, dá-nos o perdão de Deus por meio do sacramento da Penitência, sustém-nos no momento da doença com a Unção dos enfermos. A Igreja acompanha-nos em toda a nossa vida de fé, em toda a nossa vida cristã»²¹¹.

Que grande é a misericórdia do nosso Pai-Deus! Por saber que somos fracos e que – apesar da nossa boa vontade – caímos uma vez e outra em pecados e faltas, confiou à sua Esposa o sacramento do perdão «para todos os membros pecadores da sua Igreja, antes de tudo para aqueles que, depois do Batismo, cometeram pecado grave e com isso perderam a graça batismal e feriram a comunhão eclesial»²¹². Este sacramento perdoa também os pecados veniais e as faltas, infunde novas forças para a luta interior e apresenta-se a nós – assim diziam os Padres da Igreja – como «a segunda tábua (de salvação) depois do naufrágio que é a perda da graça»²¹³.

Recordo o grande amor de São Josemaria pelo sacramento da Reconciliação – o *sacramento da alegria*, como gostava de chamá-lo – e como nos animava a recebê-lo com frequência, incitando-nos a fazer um constante *apostolado da Confissão*. Agora, limito-me a reproduzir umas palavras suas, ditas durante uma reunião de catequese com muitas pessoas.

Confessemos-nos, confessemos-nos, confessemos-nos! Porque Cristo esbanjou misericórdia para com as criaturas. As coisas não andam bem quando não recorremos a Ele para que nos limpe, nos purifique, nos ilumine. Muito banhar-se,

²⁰⁸ Ibid., n. 1250. Cf. CIC, cân. 867.

²⁰⁹ Ibid., n. 1251.

²¹⁰ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 11-9-2013.

²¹¹ Ibid.

²¹² *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1446.

²¹³ Ibid., citando o Concílio de Trento e Tertuliano.

muito esporte... Bem, maravilhoso! E esse outro esporte da alma? E essas duchas que nos regeneram, que nos limpam, que nos purificam e nos iluminam? Por que não vamos receber essa graça de Deus? Recorramos ao sacramento da Penitência e à Sagrada Comunhão. Ide, Ide! Mas não vos aproximeis da Comunhão se não estais seguros da limpeza da vossa alma²¹⁴.

Em outro momento, insistia: *Meus filhos, levai os vossos amigos a confessar-se, os vossos parentes, as pessoas que amais. E que eles não tenham medo. Se tiverem de cortar algo, cortá-lo-ão. Dizei-lhes que não será suficiente recorrer à Confissão uma só vez, porque necessitarão dela muitas vezes, com frequência, da mesma forma que, quando chegamos a uma certa idade ou quando estamos doentes, não vamos ao médico só uma vez, mas amiúde; e então consultamo-lo com frequência, e tomam-nos a pressão e fazem-nos exames. Pois a mesma coisa, a mesma coisa com a alma [...].*

O Senhor está à espera de que muitos tomem um bom banho no Sacramento da Penitência! E tem um grande banquete preparado para eles, o das bodas, o da Eucaristia; o anel da aliança, da fidelidade e da amizade para sempre. Que se confessem! [...] Que muitas pessoas se aproximem do perdão de Deus!²¹⁵.

²¹⁴ São Josemaria, Notas de uma tertúlia, 2-7-1974.

²¹⁵ São Josemaria, Notas de uma tertúlia, 6-7-1974.

E espero a ressurreição dos mortos e vida do mundo que há de vir. Amém.

O Ano da Fé termina dentro de poucas semanas; o Santo Padre fará a sua clausura no próximo dia 24, na solenidade de Cristo-Rei. Nesta circunstância, convido-vos a reler umas palavras que o nosso Padre escreveu numa das suas homilias: ***Quando recitamos o Credo, professamos crer em Deus Pai, Todo-Poderoso; em seu Filho Jesus Cristo, que morreu e foi ressuscitado; no Espírito Santo, Senhor e fonte da vida. Confessamos que a Igreja, una, santa, católica e apostólica, é o Corpo de Cristo, animado pelo Espírito Santo. Alegramo-nos ante a remissão dos pecados e a esperança da ressurreição futura. Mas essas verdades penetram até o fundo do coração, ou ficam talvez nos lábios?***²¹⁶.

A solenidade de Todos os Santos, que celebramos hoje, e a comemoração dos fiéis defuntos, que será amanhã, são um convite para que tenhamos presente o nosso destino eterno. Estas festas litúrgicas refletem os últimos artigos de fé. Com efeito, «o credo cristão – profissão da nossa fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo, e na sua ação criadora, salvadora e santificadora – culmina na proclamação da ressurreição dos mortos no fim dos tempos e na vida eterna»²¹⁷.

Em poucas palavras, o Credo resume os novíssimos, as *últimas coisas* – em nível individual e em nível coletivo – que acontecerão com cada pessoa e com o universo inteiro. Já a reta razão é capaz de intuir que, após a vida terrena, há um *além* em que se restabelecerá plenamente a justiça, tantas vezes violada aqui em baixo. Mas só à luz da revelação divina – e especialmente à luz clara da encarnação, morte e ressurreição de Jesus Cristo – estas verdades adquirem contornos nítidos, embora continuem envoltas num véu de mistério.

Graças aos ensinamentos de Nosso Senhor, as realidades últimas perdem o sentido tétrico e fatalista que muitos homens e mulheres tiveram ao longo da história e têm hoje. A morte corporal é uma realidade evidente a todos, mas, em Cristo, adquire um sentido novo. Não é só uma consequência de sermos criaturas materiais, com um corpo físico que naturalmente tende à desagregação, e não se restringe apenas – como já o revelava o Antigo Testamento – a um castigo pelo pecado. São Paulo escreveu: *Para mim, o viver é Cristo e o morrer é lucro*. E em outro momento acrescenta: *Eis uma verdade absolutamente certa: se morrermos com Ele, também viveremos com Ele*²¹⁸. «A novidade essencial da morte cristã está nisto: pelo batismo, o cristão já está sacramentalmente “morto com Cristo”, para viver uma vida nova; e se morrermos na graça de Cristo, a morte física consuma este “morrer com Cristo” e completa assim a nossa incorporação a Ele no seu ato redentor»²¹⁹.

A Igreja é Mãe em todos os momentos. Regenerou-nos nas águas do Batismo, comunicando-nos a vida de Cristo e, ao mesmo tempo, a promessa da imortalidade futura;

²¹⁶ São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 129.

²¹⁷ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 988.

²¹⁸ *Flp* 1, 21 e *2 Tm* 2, 11.

²¹⁹ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1010.

a seguir, por meio dos outros sacramentos – especialmente o da Confissão e o da Eucaristia –, cuidou de que o «estar» e «caminhar» em Cristo se desenvolvessem nas nossas almas; depois, quando chega a doença grave e, sobretudo, no transe da morte, inclina-se de novo sobre as suas filhas e filhos e fortalece-nos por meio da Unção dos Enfermos e da Comunhão a título de viático, provendo-nos de tudo o que é necessário para enfrentarmos, cheios de esperança e de paz gozosa, essa última viagem, que, com a graça de Deus, terminará nos braços do nosso Pai celestial. Assim se explica que São Josemaria – como tantos santos antes e depois dele –, ao falar da morte cristã, tivesse escrito umas palavras claras e otimistas: ***Não tenhas medo da morte. – Aceita-a desde agora, generosamente..., quando Deus quiser..., como Deus quiser..., onde Deus quiser. – Não duvides; virá no tempo, no lugar e do modo que mais convier..., enviada por teu Pai-Deus. – Bem-vinda seja a nossa irmã, a morte!***²²⁰.

Vêm-me ao pensamento tantas pessoas – mulheres e homens do Opus Dei, bem como parentes seus, amigos e cooperadores – que, nestes momentos, estão a ponto de render a alma a Deus. Peço para todas e para todos a graça de um trânsito santo, cheio de paz, em estreita identificação com Jesus Cristo. «O Senhor ressuscitado é a esperança que nunca decai, que não defrauda (cf. *Rm* 5, 5) [...]. Na nossa vida, quantas vezes as esperanças se desvanecem, quantas vezes as expectativas que trazemos no coração não se realizam. A nossa esperança de cristãos é forte, segura e sólida nesta terra, onde Deus nos chamou para caminharmos, e está aberta à eternidade, porque está fundada em Deus, que é sempre fiel»²²¹.

Proponho-vos que, ao longo deste mês dedicado aos fiéis defuntos, releiais e mediteis os parágrafos que o *Catecismo da Igreja Católica* dedica aos novíssimos. Tirareis daí motivos de esperança e de otimismo sobrenatural, e um impulso novo para a luta espiritual de cada dia. As próprias visitas aos cemitérios – que nestas semanas se repetem em muitos lugares como uma tradição piedosa – podem transformar-se em ocasiões para que as pessoas com quem nos relacionamos apostolicamente considerem as verdades eternas e procurem cada vez mais este nosso Deus, que nos acompanha e nos chama com ternuras de Pai.

Com a morte, termina o tempo de realizarmos boas obras e de adquirirmos méritos perante Deus; imediatamente depois, tem lugar o juízo pessoal de cada um de nós. Com efeito, faz parte da fé da Igreja que «cada homem recebe na sua alma imortal a retribuição eterna a partir do momento da morte, num juízo particular que põe a sua vida em referência com a vida de Cristo, seja através de uma purificação, seja para entrar imediatamente na felicidade do céu, seja para se condenar imediatamente para sempre»²²².

A matéria principal deste juízo versará sobre o amor a Deus e ao próximo, manifestado no cumprimento fiel dos mandamentos e dos deveres de estado. Hoje em dia, muita gente foge de pensar nesta realidade, como se assim pudesse evitar o justo juízo de Deus, que sempre está impregnado de misericórdia. Nós, os filhos de Deus, ***não devemos ter medo da vida nem da morte***, como dizia São Josemaria. Se estivermos firmemente

²²⁰ São Josemaria, *Caminho*, n. 739.

²²¹ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 10-4-2013.

²²² *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1022.

ancorados na nossa fé, se recorrermos ao Senhor, contritos, no sacramento da Penitência, depois de o termos ofendido ou para purificarmos as nossas imperfeições, se recebermos com frequência o Corpo de Cristo na Eucaristia, não haverá motivo para temermos esse momento. Consideremos o que o nosso Padre escreveu há muitos anos: **“Achei graça quando ouvi o senhor falar das «contas» que Deus lhe pedirá. Não, para vós Ele não será Juiz – no sentido austero da palavra –, mas simplesmente Jesus”. – Esta frase, escrita por um Bispo santo, que consolou mais de um coração atribulado, bem pode consolar o teu**²²³.

Além disso – o que deve encher-nos de grande alegria –, a Igreja não abandona os seus filhos nem mesmo depois da morte: como boa Mãe, intercede pelas almas dos fiéis defuntos em cada Missa, para que sejam admitidas na glória. Especialmente em novembro, o seu desvelo impele-a a intensificar os sufrágios. Na Obra – *partezinha* da Igreja –, fazemo-nos amplamente eco deste desejo, cumprindo com carinho e agradecimento as recomendações de São Josemaria para estas semanas, oferecendo generosamente o Santo Sacrifício e a Sagrada Comunhão pelos fiéis do Opus Dei, pelos nossos parentes e cooperadores defuntos e por todas as almas do Purgatório. Vedes como a consideração dos novíssimos não tem nada de triste, antes é fonte de alegria sobrenatural? Aguardamos com plena confiança a chamada definitiva de Deus e a consumação do mundo no último dia, momento em que Cristo virá tomar posse do seu reino, acompanhado de todos os anjos. Então terá lugar a ressurreição de todos os homens e de todas as mulheres que povoaram a terra, desde o primeiro até o último.

O *Catecismo da Igreja Católica* afirma que este «foi desde os seus inícios um elemento essencial da fé cristã»²²⁴. Por isso, já no começo encontrou incompreensões e oposições. «Aceita-se muito comumente que, depois da morte, a vida da pessoa humana prossegue de um modo espiritual. Porém, como crer que este corpo tão manifestamente mortal possa ressuscitar para a vida eterna?»²²⁵. Mas é o que acontecerá realmente no final dos tempos, como fruto da onipotência de Deus, segundo afirma explicitamente o Símbolo Atanasiano: «Todos os homens ressuscitarão com os seus corpos, para prestar contas dos seus atos. E os que tiverem praticado o bem irão para a vida eterna, e os maus para o fogo eterno»²²⁶.

A condescendência amorosa do nosso Pai-Deus deslumbra-nos. Ele criou-nos como seres compostos de alma e corpo, de espírito e matéria, e é seu desígnio que retornemos a Ele desse modo, a fim de gozarmos eternamente, na vida futura, da sua bondade, da sua beleza, da sua sabedoria. Uma criatura precedeu-nos nessa ressurreição gloriosa, por singular desígnio do Senhor: a Santíssima Virgem, Mãe de Jesus e nossa Mãe, que subiu em corpo e alma à glória do Céu. Outro motivo mais de esperança e de confiante otimismo!

Tenhamos muito presentes estas promessas divinas – que não podem falhar –, sobretudo nos momentos de dor, de cansaço, de sofrimento... Vede como São Josemaria se exprimia numa ocasião em que pregava sobre os novíssimos: **Senhor, creio que**

²²³ São Josemaria, *Caminho*, n. 168.

²²⁴ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 991.

²²⁵ *Ibid.*, n. 996.

²²⁶ Símbolo *Quicumque* ou Atanasiano, 38-39.

*ressuscitarei; creio que o meu corpo voltará a unir-se à minha alma para reinar contigo eternamente, por causa dos teus méritos infinitos, da intercessão da tua Mãe, da predileção que tiveste para comigo*²²⁷. Desejo que não pensem que esta carta é pessimista, nem minimamente; pelo contrário, traz-nos à memória que o que nos aguarda é o abraço de Deus, se somos fiéis.

Depois da ressurreição dos mortos, terá lugar o juízo final. Nada mudará em relação àquilo que já tiver sido decidido no juízo particular, mas então «conhecemos o sentido último de toda a obra da criação e de toda a economia da salvação, e compreenderemos os caminhos admiráveis pelos quais a sua Providência terá conduzido tudo para o seu fim último. O juízo final – conclui o *Catecismo da Igreja Católica* – revelará que a justiça de Deus triunfa de todas as injustiças cometidas pelas suas criaturas e que o seu amor é mais forte que a morte»²²⁸.

Naturalmente, ninguém sabe quando nem como sobrevirá este último acontecimento da história, nem como será a renovação do mundo material que o acompanhará: é algo que Deus manteve sob reserva na sua Providência. O que nos cabe é velar, porque – como o Senhor anunciou muitas vezes – *não sabeis o dia nem a hora*²²⁹.

Numa das catequeses sobre o Credo, o Papa Francisco exorta-nos a que a meditação do juízo «jamais nos cause temor, antes nos incite a viver melhor o presente. Com misericórdia e paciência, Deus oferece-nos este tempo para aprendermos a reconhecê-lo nos pobres e nos pequenos cada dia; para nos empenharmos no bem e estarmos vigilantes na oração e no amor»²³⁰. A meditação das verdades eternas torna-se mais sobrenatural em nós com o *santo temor de Deus*, dom do Espírito Santo que nos impele – como comentava São Josemaria – a detestar o pecado em todas as suas formas, pois somente o pecado nos pode afastar dos planos misericordiosos do nosso Pai-Deus.

Minhas filhas e meus filhos, consideremos a fundo estas verdades últimas. Assim, o pensamento da bem-aventurança eterna que Jesus Cristo nos prometeu, se lhe formos fiéis, far-nos-á crescer em esperança, encher-nos de otimismo ante as dificuldades, levantar-nos uma e outra vez das nossas quedas pequenas ou não tão pequenas, pois Deus não nos nega a sua graça. «Essa vida perfeita com a Santíssima Trindade, essa comunhão de vida e de amor com Ela, com a Virgem Maria, os anjos e todos os bem-aventurados, é denominada “o Céu”. O Céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva»²³¹.

O Céu. “Nem olho algum viu, nem ouvido algum ouviu, nem jamais passou pela cabeça do homem o que Deus preparou para os que O amam”. – Não te incitam à luta estas revelações do Apóstolo?»²³²

²²⁷ São Josemaria, Notas de uma meditação, 13-12-1948.

²²⁸ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1040.

²²⁹ Mt 25, 13.

²³⁰ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 24-4-2013.

²³¹ *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1024.

²³² São Josemaria, *Caminho*, n. 751.

Atrevo-me a acrescentar: pensas no Céu com frequência? És uma pessoa cheia de esperança, pois o Senhor te ama com a sua infinitude? Elevemos o coração à Santíssima Trindade, que nunca deixa nem deixará de acompanhar-nos.

* * *

«O Credo termina com a palavra hebraica *Amén*, palavra que com a qual a Igreja termina as suas orações. Exprime solidez, confiança, fidelidade. Assim se compreende porque é que o «*Amém*» se pode dizer tanto da fidelidade de Deus para conosco como da nossa confiança n'Ele(...).

O «*Amém*» final do Credo retoma e confirma, portanto, a palavra com que começa: «Creio». Crer é dizer «*Amém*» às palavras, às promessas, aos mandamentos de Deus; é fiar-se totalmente n'Aquele que é o «*Amém*» de infinito amor e perfeita fidelidade. A vida cristã de cada dia será, então, o «*Amém*» ao «Creio» da profissão de fé do nosso Batismo: “Que o teu Símbolo seja para ti como um espelho. Revê-te nele, para ver se crês tudo quanto dizes crer. E alegra-te todos os dias na tua fé” (Santo Agostinho, Sermões 58, 11, 13 (PL 38, 399))²³³

²³³ Cf. Ex 17, 10-13.